



**UNIVERSIDADE DE COIMBRA – FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E
EDUCAÇÃO FÍSICA**

JOANA FILIPA CONCEIÇÃO ALVES

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO

COIMBRA

JUNHO 201

JOANA FILIPA CONCEIÇÃO ALVES -2010111186

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
SECUNDÁRIA COM 3º CEB QUINTA DAS FLORES JUNTO DA TURMA DO
9ºA NO ANO LETIVO 2011/2012**

Relatório de estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário.

Orientador de Estágio: **Dr. Francisco Pinto**

COIMBRA

JUNHO 2012

Esta obra deve ser citada como:

ALVES, J. (2012). *Relatório de Estágio Pedagógico*. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Agradecimentos

As minhas primeiras palavras de agradecimento têm de ir, inevitavelmente, para a família, em especial para os meus Pais. Sem o amor, carinho e todo o apoio que sempre me deram ao longo destes anos, provavelmente não estaria netas fase final dos meus estudos. Além do apoio, sempre me disponibilizaram o necessário para que o meu aproveitamento académico dependesse apenas de mim, inculcando-me ao mesmo tempo, um grande sentido de responsabilidade e dedicação. Obrigada Família Alves.

Aos meus amigos. Aos de Coimbra, aos do Porto, aos do Algarve e aos de além fronteiras, que de perto e longe, sempre demonstraram um grande apoio e confiança nas minhas capacidades. Obrigada Amigos de cá e Amigos de lá!

Ao núcleo “duro” de Coimbra: Cristiana, Marisa, Zé, João, Boss e Gil. Obrigada pelas Vivências.

Aos meus colegas de estágio. à Cristiana, ao Diogo e ao João um obrigada pelos bons, muito bons e espetaculares momentos que passámos juntos. Com eles partilhei as minhas alegrias e tristezas, as minhas vitórias e as minhas derrotas, com eles partilhei uma experiência que já mais será esquecida. Obrigada pela Amizade que fica.

Obrigada à minha segunda “mãezinha”, pela companhia nas horas longas de trabalho, pela paciência, pelos cuidados prestados e principalmente pelos discursos motivadores de tão grande qualidade. Obrigada Carina.

A todos os professores, que de uma forma directa ou indirecta, fizeram parte do meu percurso académico e profissional. Aos meus orientadores de estágio, Professor Francisco Pinto e Professor Paulo Furtado, por todo o acompanhamento, disponibilidade, orientação, conselhos e aprendizagem ao longo do estágio. Obrigada pelos Ensinamentos.

Obrigada a todos, pela participação e cooperação na minha formação, enquanto pessoa e enquanto profissional da Educação Física.

A todos Vós, Obrigada.

“Estágio de Ensino no meio escolar é o verdadeiro momento de convergência, por vezes de confrontação, entre a formação teórica e o mundo real do ensino.” (Pierón, 1996)

RESUMO

No culminar do 2º ciclo de estudos, do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundários, surge a integração num contexto escolar, o Estágio Pedagógico. O presente relatório tem como propósito descrever as ações durante o estágio e as situações de Ensino - Aprendizagem, as aprendizagens realizadas e as experiências vividas com as aulas. As aulas de Educação Física foram lecionadas à turma do 9ºA no ano letivo 2011/2012 na Escola Secundária com 3º CEB Quinta das Flores. O documento está organizado em 5 capítulos. No primeiro são descritas as expectativas iniciais para com o estágio, no segundo capítulo é feita a contextualização da prática pedagógica, no terceiro a descrição do processo de ensino aprendizagem, planeamento, realização e avaliação, no quarto capítulo é feita uma análise reflexiva de todo o processo e por último, no quinto capítulo é apresentado e analisado um tema/problema experienciado no estágio pedagógico. No final do estágio os conhecimentos obtidos representam um grande valor para a minha formação enquanto docente de Educação Física.

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem. Estágio Pedagógico. Educação Física. Planeamento. Realização. Avaliação.

ABSTRACT

At the culmination of the second cycle of studies, the Master of Physical Education Teaching in Basic and Secondary Schools, the integration on a school context comes, the Teaching Practice/ Internship. This report aims to describe the actions during the internship and the Teaching- Learning situations, the learning acquired and the experiences with the class. The physical education classes were taught to the 9^oA class in the academic year 2011/ 2012 in “Escola Secundária com 3^o CEB Quinta das Flores”. The document is organized into 5 chapters. The first one describes the initial expectations for the internship, in the second chapter there is the contextualization of the pedagogical practice, the third chapter describes the process of teaching, learning, planning, actualization and evaluation, on the fourth chapter it is made an reflective analysis of the whole process and finally, on the fifth chapter, it is presented and analyzed an issue/ problem experienced during the teaching practice. At the end of the internship the knowledge obtained represents a great value for my training/formation as Physical Education teacher.

Key Words: *Education-Learning. Teaching Practice. Physical Education. Planning. Realizations. Evaluation.*

Sumário

RESUMO.....	IV
ABSTRACT.....	V
Introdução	1
Capítulo I – Expetativas Iniciais	
1.Expetativas Iniciais	2
1.1.Planeamento.....	2
1.2.Realização	3
1.3.Avaliação	4
1.4.Ao nível pessoal.....	4
Capítulo II – Contextualização da Prática Pedagógica	
2.Contextualização da Prática	6
2.1.A Cidade	6
2.2.A Escola.....	7
2.3.O grupo de Educação Física.....	7
2.4.Recursos Materiais	8
2.5.Núcleo de Estágio.....	8
2.6.Professores orientadores.....	9
2.7.A Turma	10
Capítulo III – Descrição do Processo Ensino -Aprendizagem	
3.Descrição do Processo	11
3.1.Planeamento.....	11
3.1.1.Plano Anual de Turma	12
3.1.2.Unidades Didáticas.....	14
3.1.3.Planos de Aula.....	15
3.2.Realização – Intervenção Pedagógica.....	17

3.2.1.Instrução.....	19
3.2.2.Gestão Pedagógica	22
3.2.4.Clima/Disciplina	23
3.2.5.Decisões de Ajustamento	24
3.2.6.Estilos de Ensino	25
3.3.Avaliação	27
3.3.1.Avaliação Diagnóstica	28
3.3.2.Avaliação Formativa	29
3.3.3.Avaliação Sumativa	29
3.4.Atitude Ético-Profissional	30
Capítulo IV – Análise Reflexiva	
4.Análise Reflexiva do Estágio Pedagógico.....	32
Capítulo V – Tema/Problema	
5.Planeamento Anual das aulas de Educação Física – Por Blocos ou por Etapas?.....	44
Conclusão	57
Bibliografia	58

Lista de abreviaturas:

PFI	-Plano de Formação Individual
EF	-Educação Física
UD	-Unidade Didática
PAT	-Plano Anual de Turma
PA	-Plano de Aula
PNEF	-Programa Nacional de Educação Física
E-A	-Ensino–Aprendizagem
FB	-Feedback
AD	-Avaliação Diagnóstica
AF	-Avaliação Formativa
AS	-Avaliação Sumativa

Joana Filipa Conceição Alves aluna nº 2010111186, venho declarar por minha honra que o presente relatório constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo por isso, no definido na alínea s do artigo 3º do Regulamento Pedagógico de estágio.

Joana Alves

Introdução

O Estágio Pedagógico inserido no 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário foi protagonizado na Escola Secundária com 3º CEB Quinta das Flores com uma turma do 9ºA, no ano letivo 2011/2012.

Depois de completar o Estágio Pedagógico na disciplina de Educação Física impõem-se a elaboração do presente Relatório Final de Estágio.

No estágio os estagiários desempenham tarefas de organização e estruturação do processo de Ensino–Aprendizagem (E-A), estimulando a tomada de consciência e colocando em prática todas as aprendizagens realizadas.

A elaboração do presente relatório tem como objetivo a descrição de todo o contexto e atividades do estágio, seguindo-se de uma reflexão pormenorizada do trabalho desenvolvido e suas circunstâncias. Por último o tratamento de um tema/problema das aulas de Educação Física.

O relatório de estágio está estruturado da seguinte forma: numa primeira parte, no capítulo I, do documento é feita a descrição das expectativas iniciais com o estágio, no capítulo II, a contextualização do local onde estive inserida, para depois, no capítulo III, serem descritos todos os processos e ações do estágio pedagógico.

Realizada a parte descritiva do trabalho, é feita uma análise extensiva e reflexiva de todo o processo da prática pedagógica orientado para o desenvolvimento profissional e o sucesso do E-A, capítulo IV.

Numa parte final do relatório, no capítulo V, é abordado o Tema/Problema que se enquadra nos domínios da didática da disciplina de Educação Física, “O Planeamento Anual das Aulas de Educação Física – Por Blocos ou por Etapas”. Aqui vou apresentar e descrever a forma como é tratado este assunto, primeiro pelos programas da disciplina e depois no grupo de Educação Física desta escola, apresentando uma breve conclusão, sustentada na bibliografia existente.

Capítulo I – Expetativas Iniciais

1. Expetativas Iniciais

Consciente do papel que o estágio pedagógico iria assumir no meu percurso académico, quer por colocar os meus conhecimentos em prática, quer por ter a hipótese de adquirir e consolidar ainda mais saberes na área do ensino da Educação Física, eram evidentes as minhas expetativas para com o estágio.

Numa fase inicial, as expetativas foram enumerados num documento elaborado por mim, denominado por Plano de Formação Individual (PFI).

Este plano continha as seguintes expetativas.

- Evoluir ao nível pessoal e profissional nas diferentes áreas e com o máximo de pessoas intervenientes no processo;
- Desenvolver capacidades e habilidades que um professor deve deter, com o objetivo de desenvolver um processo de Ensino – Aprendizagem coerente e adequado à situação;
- Tornar-me uma professora competente, para além da aula de Educação Física, no que diz respeito à organização de atividades ou a desenvolvimento/conhecimento dos diferentes cargos de gestão.
- Ficar preparada, o quanto possível, para as dificuldades e constrangimentos que possam surgir no desempenhar das minhas funções.

Tal como as minhas expetativas iniciais foram identificadas, as aprendizagens a realizar nos diferentes momentos do estágio, planeamento, realização, avaliação e ainda ao nível pessoal, também foram definidas:

1.1.Planeamento

- Organização estratégica do processo de ensino, estruturada numa ação coerente e orientada para o sucesso, face à finalidade, ou finalidades, visadas e aos resultados da avaliação diagnóstica;

- Domínio da matéria, relacionando-a da melhor forma com o contexto;
- Conhecer e dominar o Programa Nacional da Educação Física;
- Aprender a adaptar o currículo nacional à turma;
- Estruturar da melhor forma o Plano de Aula;
- Seguir sempre os objetivos pedagógicos para a aula, para que os alunos realizem as aprendizagens desejadas;
- Operacionalização dos objetivos até chegar às tarefas ajustadas às capacidades dos alunos, de modo a permitir alcançar os objetivos finais, propor o trajeto de recuperação, compensar as fragilidades, resolver as insuficiências em tarefas inicialmente propostas.
- Encontrar as melhores formas de atingir os objetivos- estratégias ou estilos de ensino;
- Diferenciação dos objetivos operacionais;
- Domínio das habilidades de ensino, e um controlo da atividade específica;
- Responder as exigências desportivas da turma;
- Adequar os conhecimentos anteriormente aprendidos à turma;
- Desenvolver instrumentos de observação eficazes;
- Desenvolver metodologias de ensino;

1.2.Realização

- Dominar técnicas de ensino e intervenção pedagógica, dimensões instrução, gestão, clima e disciplina;
- Organização da parte inicial, fundamental e final, diminuindo ao máximo, os tempos de transição entre as tarefas e as deslocações/rotações;
- Qualidade: das preleções, dos feedbacks, da demonstração, do questionamento, e ajustamentos;
- Organização dos alunos na aula;
- Diminuir o tempo na organização, aumentando o tempo da aprendizagem;

- Dirigir a turma, de forma a diminuir as perturbações e aumentar o tempo útil de aula, em trabalho específico e de qualidade, orientado para o sucesso;
- Supervisionar os alunos, analisando as situações ou tarefas de ensino, fornecendo feedback aos alunos;
- Feedback pedagógico, diversificado com informação frequente e de qualidade, corretos e apropriados, sobre as prestações dos alunos, apresentando alternativas para os alunos melhorarem as suas prestações, e ainda verificar se o feedback foi retido;
- Interações positivas, proporcionando aos alunos um clima de apoio e encorajamento;
- Capacidade para a gestão de comportamentos desviantes e resolução das situações inesperadas.

1.3. Avaliação

- Dominar os momentos de avaliação, diagnóstica, formativa, sumativa, inicial, intermédia e final;
- Saber as referências de sucesso, objetivos a atingir em cada nível e em cada matéria.
- Determinar o grau de sucesso dos alunos, com base nos critérios de avaliação;
- Construir os instrumentos de avaliação, adaptados ao contexto, de forma rigorosa, válida e fiável;
- Dominar a avaliação da disciplina: condição física, capacidades coordenativas, performances desportivo - motoras, capacidades de jogos e aspetos cognitivos e sócio - afectivos;

1.4. Ao nível pessoal

- Apoderar-me da capacidade para desenvolver e melhorar a eficácia no meu trabalho;

- Ouvir e saber ouvir as críticas do meu trabalho, disposta a promover as alterações necessárias;
- Capacidade de trabalho em grupo e cooperação com os colegas;
- Sentido crítico, iniciativa, criatividade, empenhamento e brio profissional;
- Desenvolver capacidades para me tornar autónoma no processo de ensino,
- Desenvolver responsabilidade ético-profissional.

Capítulo II – Contextualização da Prática Pedagógica

2. Contextualização da Prática

É de extrema importância definir e caracterizar o contexto educacional onde foi desenvolvido todo o meu estágio pedagógico, pois, as características do local de trabalho, definição dos recursos existentes, as formas de trabalho da escola e do grupo disciplinar, assim como as características específicas de todos os intervenientes no processo são fundamentais para uma melhor perceção e justificação das ações tomadas durante o desenrolar da minha atividade.

Como tal, a contextualização da prática é feita em relação à cidade, à escola, ao Grupo Disciplinar de Educação Física (GDEF), aos recursos materiais, ao núcleo de estágio, aos orientadores da escola e por último à turma do 9ºA.

2.1.A Cidade

Coimbra, capital de distrito, é considerada uma das cidades mais importantes de Portugal, quer pela sua importância histórica quer pelas suas infra-estruturas e organizações. Apresenta como principal ex-libris a sua Universidade, a mais antiga de Portugal, atualmente com mais de 30 mil estudantes. Para além da conceituada Universidade, a cidade também usufrui de um vasto número de escolas públicas e privadas do ensino básico e secundário, sendo algumas delas, das melhores no ranking nacional, grupo onde a Escola Quinta das Flores se insere.

O ensino da música também tem um papel fundamental, onde se destaca o Conservatório de Música de Coimbra que atualmente tem ensino articulado com a escola referida desde o ano letivo 2010/2011.

2.2.A Escola

A Escola Secundária com 3º CEB Quinta das Flores, localizada no centro urbano de Coimbra, na freguesia de Santo António dos Olivais, está no seu vigésimo oitavo ano de atividade.

Atualmente, e desde o ano letivo passado, a escola desfruta de um ensino articulado com o Conservatório de Música de Coimbra, tal como já foi aqui referido. Partilha as mesmas infra-estruturas, após obras de beneficiação daquele espaço, desta forma os alunos têm a oportunidade de dividir o ensino geral com o ensino específico artístico da música, teatro e recentemente da dança.

É composta por cinco blocos, um bloco principal, onde estão centralizados todos os serviços e salas de departamento nas diferentes áreas, e quatro blocos de salas de aula, um pavilhão gimnodesportivo e dois campos desportivos descobertos.

2.3.O grupo de Educação Física

O Grupo de Educação Física é composto por 15 professores, 9 professores no quadro da escola, 3 professores no quadro de zona e 3 professores contratados.

Todos os professores demonstram um espírito de entreatajuda e abertura na transmissão dos saberes. É um grupo, que apesar de grande, que consegue manter uma relação próxima. Aos estagiários mostraram-se sempre disponíveis para ajudar e transmitir os seus conhecimentos.

O grupo rege-se pelo regulamento interno, criado e aprimorado em reunião pelo próprio grupo no início do ano letivo. Através deste documento são definidos os espaços disponíveis à prática desportiva e respetivas matérias a lecionar, as instalações desportivas e suas normas de utilização, competências

dos funcionários e professores, assim como as orientações para o Desporto Escolar. O grupo tem ainda definido um sistema de rotação dos espaços.

Tem ao seu dispor, 5 espaços de aula, dois cobertos, dois descobertos e um coberto exterior. O espaço 1, lado nascente do pavilhão, está destinado a matérias como a Ginástica, Patinagem, Salto em Altura, Badminton, Golfe, Judo e Dança. No espaço 2, lado poente do pavilhão, podem ser dadas as matérias de Voleibol, Basquetebol, Ténis, Patinagem e Futsal. No espaço 3, descoberto, é possível lecionar apenas a matéria de Atletismo. No espaço 4, também descoberto é possível lecionar as disciplinas de Futsal, Andebol, Rugby e Ténis. Finalmente no espaço 5, no exterior mas coberto, está destinado às matérias de Rugby, Futebol e Basquetebol. Tem ainda como instalações, oito balneários de alunos, 2 balneários de professores, um gabinete de funcionários, uma arrecadação e uma galeria.

2.4. Recursos Materiais

A escola, mais concretamente o grupo de Educação Física, é detentor de uma grande variedade de materiais para as diferentes modalidades, Atletismo, Ginástica, Golfe, Badminton, Andebol, Ténis, Voleibol, Futebol e Rugby, tem ainda à sua disposição material de apoio à prática, como coletes, cones sinalizadores, cronómetros, fitas de sinalização, diferentes tipos de redes, postes, etc. A dificuldade incide na gestão de todos estes recursos materiais quer na quantidade, quer na qualidade, uma vez que são muitas as turmas a fazer aula ao mesmo tempo, e o desgaste do material desportivo é constante.

2.5. Núcleo de Estágio

O grupo de estágio foi formado na primeira reunião do ano letivo na Faculdade de Desporto. Felizmente foi possível reunir um grupo com o qual eu já conhecia e mantinha relações próximas, o que veio a ser uma mais-valia ao longo destes meses de estágio.

O núcleo de estágio composto, no total por quatro elementos, dois do sexo feminino e dois do sexo masculino, trabalhou ao longo da prática pedagógica de forma unida e responsável, perseguindo todos os mesmos objetivos.

Funcionámos como grupo no planeamento, elaborando os diversos documentos em conjunto, apoiando-nos uns aos outros nas nossas dificuldades e questões dilemáticas. As reuniões de núcleo aconteceram às segundas-feiras a partir das 14:30h, onde eram tratadas, junto do orientador, Professor Paulo Furtado, as diferentes fases do processo, planeamento, realização e avaliação, assim como esclarecidas todas as nossas dúvidas. Era ainda construída a respetiva ata da reunião.

2.6. Professores orientadores

Os orientadores de estágio, da escola e da faculdade, foram um pilar muito importante no decorrer do estágio pedagógico. Com eles foi possível adquirir o conhecimento através dos seus comentários após cada aula, nomeadamente na planificação, realização e avaliação, na qualidade e adequação do processo.

O Professor Francisco Pinto, orientador da faculdade, que supervisionou todo o meu trabalho ao longo da prática pedagógica, assistiu a algumas das minhas aulas, supervisionando todo o meu plano de aprendizagem.

O Professor Paulo Furtado, orientador da escola, esteve presente em todas as minhas aulas, e no final de cada uma reunia comigo para analisar e refletir sobre os aspetos relevantes da aula. Demonstrou em todo o processo uma grande disponibilidade e abertura, transmitindo sempre o máximo de conhecimento.

2.7. A Turma

Ao iniciar o estágio o professor co-orientador deu a conhecer ao núcleo as turmas que os estagiários iriam trabalhar durante o ano letivo, uma do 12º ano e três do 9º ano, todas estas turmas já conhecidas pelo professor.

A turma com que acabei por trabalhar durante o estágio pedagógico foi a do 9ºA.

Para conhecer as características da turma, e a partir daí planear de forma adequada todo o processo de ensino, foi realizado um estudo através de questionários aplicados no primeiro dia de aulas à turma do 9ºA. Através deste estudo foi possível conhecer as características dos alunos da turma, da sua família, residência, hábitos do seu dia-a-dia, de estudo, de alimentação e desportivos, assim como, perceber qual a importância atribuída à escola e ao sucesso escolar.

Composta, no total por 27 alunos, 15 do sexo feminino e 12 do sexo masculino, com uma média de idades nos 13,9 anos. No presente ano, a turma recebeu 5 novos alunos, dos quais, 4 eram novos na escola. Nesta turma existe 5 alunos repetentes, nenhum do 9º ano.

No geral esta turma é considerada boa. Tem um nível de aproveitamento bom e um comportamento regular, comportamento que no presente ano letivo piorou em relação aos anos anteriores.

Ao iniciar o ano, a turma apresentou um comportamento menos adequado. No início foi difícil o controlo da turma, no entanto, ao longo do tempo essa situação ficou controlada.

Capítulo III – Descrição do Processo Ensino-Aprendizagem

3. Descrição do Processo

3.1. Planeamento

O planeamento é uma ferramenta fundamental na organização das aulas de qualquer professor. No caso da disciplina de Educação Física não é exceção. Com o planeamento de toda a ação educativa e intervenção pedagógica o processo de ensino torna-se coerente e de qualidade.

Alguns autores definem o planeamento como um ato de direção essencial aos conteúdos programáticos, outros focam o carácter organizativo do planeamento.

“Os trabalhos de planeamento do professor de Educação Física relacionam a direção essencial das exigências e conteúdos programáticos com a situação pedagógica concreta; são expressão da personalidade do professor, do conhecimento e competência do seu estilo individual de ensinar.” (Bento, 2003)

“Planear é estudar, organizar e coordenar ações a serem tomadas para a realização de uma atividade, com o objetivo de solucionar um problema ou alcançar um objetivo. O planeamento auxilia na orientação, organização e concretização daquilo que se deseja alcançar.” (Carvalho, Amorim, Cardoso, Silva, & Silva, 2011)

Os mesmos autores afirmam ainda que na educação o planeamento envolve não só a integração e relação professor – aluno, mas também elementos escolares, objetivos, conteúdos, métodos, com a função de explicar princípios e execução das atividades escolares, de forma a possibilitar as ações do professor na realização de um ensino de qualidade, evitando a monotonia, a rotina e o desinteresse do processo de Ensino-Aprendizagem.

Desta forma para todo o trabalho que um professor de Educação Física efetua, deve ser realizado um planeamento, orientador e flexível, de forma a minorar os erros e tornar o trabalho educativo mais rigoroso.

Conforme o guia das unidades curriculares dos 3º e 4º semestres, este planeamento deve estar fundamentado nos conhecimentos profissionais e científicos de forma a atender ao enunciado dos programas oficiais, através de uma seleção de objetivos, conteúdos, metodologias de ensino e estratégias adaptadas à realidade do contexto, relacionando entre si os dados recolhidos em vários momentos, como a caracterização da escola e da turma e ainda nos diferentes momentos da avaliação.

Assim desde o primeiro momento, debruçei-me sobre todo o planeamento da minha atividade como professora estagiária. Junto do meu orientador da escola e colegas de estágio delineei todo o meu processo de ensino, regendo-me sempre pelos diferentes documentos normativos da disciplina, Programa Nacional de Educação Física, e do grupo e ainda na literatura existente.

As primeiras reuniões com o Professor Orientador de Estágio foram principalmente para discutir o planeamento para o ano letivo 2011/2012 e a uniformização e construção de um modelo para os diversos documentos. A partir deste momento começámos, eu e os restantes colegas de estágio, a proceder à elaboração dos documentos, Plano Anual de Turma (PAT), Unidades Didáticas (UD), Planos de Aula (PA) e grelhas de avaliação.

3.1.1. Plano Anual de Turma

O PAT foi um dos primeiros documentos a ser elaborado ao iniciar o meu estágio pedagógico. Após determinar, junto do meu orientador de estágio, o modelo de ensino e as matérias a lecionar durante os três períodos do ano letivo, dei início à sua construção.

Este documento é referido como elemento principal e fundamental de todo o planeamento da disciplina de Educação Física.

“A elaboração de um Plano Anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objetivos e de desenvolvimento da personalidade, bem como reflexões e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano letivo” (Bento, 2003)

O PAT deu origem a outras planificações parcelares como UD e PA, como sequência das tarefas de elaboração. Antes de iniciar a sua elaboração, ocorreu uma série de trabalhos preparatórios, iniciando-se com uma análise da turma, seguido do inventário do material e averiguação dos espaços disponíveis. Após os trabalhos preparatórios, a formulação dos objetivos para o ano e a devida distribuição e ordenamento de matérias, coordenação das tarefas de formação e educação, indicação de controlo – avaliação e, por último, marcação de pontos altos no ano letivo, tendo sempre como linha orientador as especificidades do contexto escolar e um conjunto de documentos normativos existentes.

Sempre com a ideia presente, de que este era apenas um documento orientador da atividade, estando sempre sujeitos a adaptações que se considerassem imprescindíveis para promover o desenvolvimento e conhecimento dos 27 alunos da turma.

Tal como afirma Bento (2003):

“No planeamento e preparação do ensino, o professor deve orientar-se pelo princípio do respeito pelas particularidades locais e territoriais e da especificidade de condição de ensino, mobilizando-os e empenhando-as na prossecução das metas essenciais estipuladas no programa ou normas programáticas.” (Bento, 2003)

No PAT do 9ºA ficaram definidas 8 matérias a lecionar ao longo dos três períodos letivos: Ginástica de Solo, Ginástica de Aparelhos, Voleibol, Atletismo, Futsal, Bitoque Rugby, Dança e Judo. Para cada matéria lecionada ficaram definidos os diferentes momentos da avaliação (diagnóstica, formativa e sumativa) e diferentes funções da aula (introdução, exercitação e consolidação). Assim sendo, os objetivos e devida sequencialização dos conteúdos, com os momentos formais de avaliação, quer da Diagnóstica quer

da Sumativa, prática e teórica, eram planeados e refletidos. Ainda nesta sequencialização eram determinadas as aulas com função de introdução, exercitação e consolidação dos conteúdos.

Neste momento do planeamento, também defini as estratégias gerais do ensino, mencionando as Técnicas de Intervenção Pedagógicas a aplicar durante a parte prática.

3.1.2.Unidades Didáticas

As Unidades Didáticas, também conhecidas por Unidades Temáticas ou de matéria, são partes essenciais do programa de uma disciplina. São elementos integrantes do processo pedagógico, apresentando, aos professores e alunos, etapas claras e bem definidas de todo o processo educativo.

Têm como objetivo esclarecer os aspetos centrais da formação e educação, com indicação de níveis concretos dos resultados a atingir – os objetivos, a preparação e estruturação didáticas da matéria, as funções e tarefas didáticas das diferentes aulas, inclusive das partes destas e emprego de meios e matérias de ensino.

Estas são uma sequência do PAT, onde estão desenvolvidas o planeamento para um bloco de matéria a abordar durante um espaço de tempo, normalmente de 6 a 8 semanas.

O autor Bento (2003) explica a importância do planeamento de uma UD com o propósito de um ensino relativamente integral e tematicamente delimitado, para várias aulas que contêm um contributo para a realização dos objetivos e tarefas inscritas no programa anual e global da disciplina.

“Um planeamento do ensino a longo prazo, centrado na conceção didática da unidade temática, cria os melhores pressupostos para a realização do ensino, para a formação racional e consciente de conhecimentos e competências fundamentais, para um trabalho contínuo e sistemático no processo da educação e para a utilização mais eficaz do tempo disponível.” (Bento, 2003)

A observação e análise de uma UD permite ter uma visão global sobre o processo de Ensino-Aprendizagem de uma determinada matéria, servindo

ainda como documento de consulta e apoio à elaboração dos PA e a todo o processo. Mais concretamente as UD, por mim elaboradas têm descrito a caracterização da modalidade, as competências, os objetivos a atingir, os conteúdos a lecionar, as atividades e estratégias, os recursos disponíveis, o número de aulas e respetiva sequência de conteúdos e ainda o formato e momentos de avaliação.

Estas foram elaboradas antes de iniciar a lecionar a matéria e concluídas após a Avaliação Diagnóstica (AD), com o intuito de adaptar quer os objetivos quer as estratégias da aula conforme a prestação dos alunos numa fase de análise.

3.1.3. Planos de Aula

Um PA surge de uma UD, que teve como origem o PAT, que por sua vez teve como base todos os documentos normativos da disciplina, da escola e do Grupo de Educação Física da própria instituição. Como indica o autor:

“A preparação da aula apoia-se no planeamento a longo prazo.”
(Bento, 2003)

Nesta perspetiva o PA dinamiza as direções do ensino, que de diferentes formas são detalhadas nas UD das diferentes matérias. É uma ferramenta muito importante para um professor no dia-a-dia, pois através deste é possível uma previsão dos conteúdos que serão abordados numa determinada aula e fase de ensino, uma previsão das atividades que serão aí desenvolvidas, dos objetivos que se pretendem alcançar, com as diferentes atividades, e ainda uma estimativa de tempo para cada atividade.

“Tendo em atenção a matéria, os pressupostos dos alunos e as condições de ensino, bem como os dados fornecidos pela análise das etapas anteriores, na preparação da aula tem lugar uma precisão dos seus objetivos (já estabelecidos no plano da unidade); é planificado o seu percurso metodológico e temporal.” (Bento, 2003)

Como tal, para cada aula do meu estágio pedagógico foi elaborado um PA. A estrutura e organização de cada um permitiram cumprir com o estabelecido e proposto nas diferentes etapas da UD. Estes estavam explícitos e pormenorizados, no que diz respeito às suas tarefas, organização e condução

da atividade, constituindo um guia completo para toda a ação e interpretação de qualquer outro professor. Desta forma a estrutura do meu PA era composta por um cabeçalho onde eram transcritas todas as informações necessárias, quer para a realização da prática, quer para a função e momento em que se encontrava a UD. Aqui constavam informações como, a data, o local e a hora da aula, o ano letivo, a turma, o número de alunos e o número da aula, assim como dados referentes à UD, qual a matéria da aula, função, objetivos e materiais necessários. A estrutura principal era dividida em três partes da aula, inicial, fundamental e final. Para todas estas partes da aula eram definidas, a hora de início, o tempo total e o tempo parcial de cada exercícios, a explicação das tarefas e as respetivas estratégias de organização e condução, os critérios de êxito e seus objetivos, a esquematização e estilos de ensino.

Para cada PA, e após cada aula foi elaborada uma reflexão que serviu para descrever, analisar e justificar cada ação tomada durante o processo, assim como verificar se os objetivos propostos foram atingidos. No final, eram resumidos por tópicos os assuntos abordados com o orientador de estágio, e ainda os aspetos positivos, menos positivos e os aspetos a melhorar nas próximas aulas.

3.2. Realização – Intervenção Pedagógica

No desenvolvimento da actividade como professor de Educação Física, a colocação em prática das diferentes habilidades pedagógicas nas aulas de Educação Física assumiram um importante papel para o sucesso do meu processo de Ensino-Aprendizagem. Existindo um conjunto de variáveis consideradas fundamentais, como sugere Baptista (2009),

“ (...) tende a revelar-se complexo, sendo que o sucesso deriva da interligação de um vasto conjunto de variáveis que incluem não só os fatores intrínsecos (a matéria de ensino) mas também fatores extrínsecos ao processo (condições e recursos).” (Batista, 2009)

Numa fase interativa do ensino, a apresentação da tarefa, os tipos e momentos do Feedback (FB) a fornecer e a concretização da organização são as variáveis centrais da realização das habilidades pedagógicas.

Por outras palavras, segundo os documentos de apoio à unidade curricular de Didática da Educação Física e Desporto Escolar (2010), no ensino da atividade física existem certas habilidades pedagógicas fundamentais para a aula de Educação Física: o tempo que o aluno passa em atividade motora; a reação do professor às prestações dos alunos e ainda o clima/organização da atividade.

O tempo de empenhamento motor deve ser efetivo à prática de um trabalho específico e de qualidade, orientada para o sucesso e concretização dos objetivos delineados, pois este tempo efetivo representa a aprendizagem dos alunos.

Na reação do professor, às prestações dos alunos, o FB pedagógico, ultrapassa a simples informação do correto ou incorreto, pois este indica os meios pelo qual os alunos podem fazer uso para melhorarem as suas prestações. É um processo de retroação, de informação frequente e de qualidade.

O clima das aulas e em especial das tarefas deve ser positivo, através de um desenvolvimento para o sucesso da prática desportiva do aluno, num clima de apoio e encorajamento de todos os intervenientes. No que diz respeito à organização, esta deve ser cuidada, prevalecendo a maximização do tempo em

atividade física, a frequência do FB, o empenhamento cognitivo como meio facilitador das aprendizagens motoras e o controlo da aula.

Desta forma, com o intuito de uma organização do ensino coerente e cuidada surgem as estratégias de ensino.

“Uma estratégia de ensino é uma forma de organizar as condições de Ensino–Aprendizagem com o objetivo facilitar a movimentação do aluno de um estado potencial de capacidade para um estado real.” Carreiro da Costa citado nos documentos de apoio à unidade curricular de Didática da Educação Física e Desporto Escolar (2010)

A organização de uma aula e a formulação das estratégias tem como objetivo levar o aluno à aprendizagem, não sendo de alguma forma,

“ (...) A organização estratégica do processo de ensino tem como sentido fazer alguém aprender, sendo que não são as técnicas que constituem a estratégia, mas é a estratégia global planeada que as estrutura numa ação coerente e orientada para o sucesso, face à finalidade ou finalidades visadas naquela situação.” M. Céu Roldão citado nos documentos de apoio à unidade curricular de Didática da Educação Física e Desporto Escolar (2010)

Nesta perspetiva, as técnicas de intervenção pedagógica são subdivididas em quatro competências de ensinar: **Dimensão Instrução, Gestão, Clima e Disciplina.**

Ao longo do meu estágio apliquei e melhorei as técnicas de intervenção com a turma. De início, utilizadas com alguma dificuldade e insegurança, depois, durante o desenvolvimento da atividade, melhoradas e aplicadas de forma segura, consciente e persuadida. Numa fase inicial o controlo da turma e gestão das atividades da aula foram difíceis, pois esta era uma turma consideravelmente grande, com alguns problemas de disciplina e comportamentos de desvio, principalmente no início do ano. Com o desenrolar das aulas, à medida que o contato com a turma aumentava, foi possível ultrapassar esta dificuldade, assim como a organização da aula, pois conhecer as formas como a turma se comportava e reagia, permitiu-me prever de uma forma mais rigorosa toda a organização e gestão das tarefas.

3.2.1. Instrução

A dimensão instrução consiste em todos os comportamentos e as técnicas de intervenção, que fazem parte do repertório do professor para informações substantivas de qualidade. Desta forma, as preleções nos diferentes momentos da aula, o questionamento, o FB e a demonstração fazem parte desta dimensão. Segundo vários autores os componentes da instrução,

“...entre outros, são o feedback, as perguntas e a organização.”
(Shigunov & Pereira, 1993)

Segundo documentos de apoio da unidade curricular de Didática da Educação Física e Desporto Escolar (2010, as técnicas de intervenção na instrução são:

- ✓ Diminuição do tempo passado em explicação na aula;
- ✓ Acompanhamento da prática após o FB;
- ✓ Diversificar o FB;
- ✓ Apoiar e controlar ativamente a prática dos alunos;
- ✓ Utilizar os alunos como agentes de ensino;
- ✓ Garantir a qualidade e a pertinência da informação;
- ✓ Utilizar o questionamento como método de ensino.

A **informação inicial** da aula deve ser transmitida de forma simples e direta. Ao longo das minhas aulas tive sempre presente as diretrizes de uma boa informação inicial.

Nesta fase da aula deve ter-se em conta a hora de início, e aqui tentei começar sempre no horário estipulado, dando apenas 5 a 7 minutos de tolerância à turma. Utilizei estratégias para verificar de forma económica, sem dispêndio de muito tempo, as presenças dos alunos, como por exemplo: contar o número de alunos ao mesmo tempo que perguntava à turma quem estava a faltar.

Durante a minha preleção inicial organizava a turma de forma a ter todos os alunos no meu campo de visão e concentrados na minha informação. Desta forma iniciava o meu discurso, onde de uma forma breve e audível, definia e explicava as tarefas e objetivos da aula. Ainda nesta fase da aula, lembrava e relacionava os conteúdos da aula com as aulas anteriores, utilizando como

recurso o questionamento, como forma de relembrar as componentes críticas dos conteúdos a abordar e aferir a aquisição dos conhecimentos pelos alunos.

O questionamento, em qualquer momento da aula, tem como objetivo envolver o aluno na aula, estimular e desenvolver a capacidade de reflexão, verificar a assimilação dos conteúdos transmitidos.

Na **condução da aula**, outras diretrizes devem ser seguidas, como o posicionamento, apresentação das tarefas, a apresentação de um modelo, os períodos de instrução, os comportamentos dos alunos, os métodos de intervenção, meios auxiliares alternativos, extensão e integração da matéria e a certificação da compreensão da mensagem.

Assim, durante as aulas, nas fases fundamentais, antes de tudo tinha em conta o meu posicionamento, sempre de forma a ter todo os alunos no meu campo de visão, perto das estações ou grupos que dependessem mais da minha presença. Na apresentação de tarefas tinha em atenção quer as palavras utilizadas quer a exposição dos objetivos e critérios de êxito, utilizando sempre um discurso simples e direto. Na apresentação do modelo, as demonstrações, realizava-o de forma lenta, sempre que possível, com recurso a um aluno que dominasse mais a matéria. Utilizava-o com o objetivo do praticante ter uma perceção correta do gesto, sempre de acordo com os critérios de êxito definidos. Os períodos de instrução eram curtos, com o objetivo de maximizar o tempo em atividade, quando necessários eram utilizados meios auxiliares, como documentos ou imagens/ilustrações representativas das tarefas ou organizações das atividades realizadas. Os comportamentos dos alunos, como já aqui foi mencionado, não foi numa fase inicial o melhor, para colmatar esta situação, alterei as minhas estratégias de atuação e estratégias de castigos mais eficazes. Na condução das aula informei sempre os alunos sobre a qualidade da sua prestação através da utilização dos diferentes tipos de Feedback, para os levar a refletir sobre as suas ações, prevalecendo sempre o reforço positivo. Os exercícios realizados nas aulas iam em de encontro aos objetivos da aula.

O **Feedback** é uma informação que deve ser dada aos alunos, de forma verbal ou não verbal, após uma prestação motora, cognitiva ou afetiva. Devendo assumir três possíveis funções, a de informar, analisar ou reforçar. Vários autores citados por Shigunov & Pereira (1993), distinguem três conceitos básicos de FB - reforço, realimentação e retroalimentação.

“O reforço, ou reforçamento (...) são entendidos como todas as ocorrências de qualquer evento que aumenta ou mantém a probabilidade de acontecer um determinado ato ou comportamento.”

“A realimentação tem a ver com o reforço, mas no sentido de ser uma informação sensorial acerca da resposta de qualquer manifestação que o elemento recebe.”

“A retroalimentação, ou conhecimento dos resultados, é utilizado (...) como sendo uma informação sobre uma determinada resposta que se obtém apenas de uma forma externa.” (Shigunov & Pereira, 1993)

Considero o FB uma das variáveis mais eficazes, e mais complexa da dimensão instrução, sendo os seus resultados dependentes de fatores como o conhecimento que cada professor possui sobre a sua turma no geral e dos alunos em específico, da matéria lecionada e de todo o processo de aprendizagem.

Durante o processo de Ensino-Aprendizagem, os FB que transmiti à turma foram sempre tendo em conta a qualidade e pertinência, com recurso a uma linguagem compreensível. Após cada FB tentava verificar se este tinha o efeito pretendido, para aí poder diagnosticar, reavaliar a situação, ou ainda surgir outro FB, pois o meu objetivo com este era sempre influenciar a qualidade do empenhamento motor e cognitivo, direcionando para o foco e objetivos da aula.

A **conclusão da aula** era conduzida de forma progressiva com um retorno à calma ativo, algumas vezes com jogos lúdicos, outras apenas com alongamentos dos principais grupos musculares.

Os alongamentos era feitos sobre a minha indicação e na maioria das vezes, durante as minhas preleções finais.

Nesta preleção, com todos os alunos no meu campo de visão e posicionados de forma a não se distraírem, era feita a revisão da matéria abordada, uma vez

mais com recurso ao questionamento como forma e método de avaliação da compreensão dos alunos sobre os conteúdos da aula. Eram apresentados os conteúdos das aulas seguintes e referidos os aspetos positivos e menos positivos da aula. No final, terminava a preleção com um reforço positivo, de forma a estimular os alunos para as aulas seguintes.

Depois da preleção era solicitado aos alunos, dois por cada aula, que arrumassem todo o material utilizado pela turma.

3.2.2. Gestão Pedagógica

A gestão do tempo de aula é, sem dúvida, um aspeto de extrema importância para o sucesso do ensino e das aprendizagens dos alunos da turma. Desta feita, existem vários fatores que condicionam uma boa gestão da aula, entre eles o controlo do clima emocional, a gestão dos comportamentos dos alunos e a gestão das situações de aprendizagem.

Uma aula bem gerida reflete-se no empenhamento motor dos alunos e conseqüentemente numa aprendizagem efetiva. Para que haja um elevado tempo de aprendizagem é necessário minimizar os episódios de organização e transição, cumprindo com tempos e horários estipulados para as tarefas e partes da aula, assim como a estruturação de rotinas.

Resumindo, as técnicas de intervenção a ter em conta na gestão pedagógica são:

- Controlo da atividade inicial;
- Começo da aula a horas;
- Recorrentes FB e intervenções positivas;
- Afixação de recordes de tempo gasto em gestão dos alunos;
- Gestão do fluxo da aula;
- Definição de sinais para chamar a atenção, reunir a turma e transições.

Tentei começar a aula sempre no horário estipulado, horário este que foi difícil de cumprir por parte de alguns, principalmente nas aulas que começavam as

8:30h da manhã. Outros aspetos que tive sempre em conta, foi a preparação da aula com a montagem do material no espaço antes do início da aula, muitas vezes com o auxílio dos alunos.

A formação dos grupos de trabalho ou equipas também eram refletidas. Para facilitar, estes grupos eram dados a conhecer à turma no início da aula e assim permaneciam até ao final e, quando possível, nas aulas seguintes. Ou seja todo o planeamento, feito num período pré-interativo, era de forma pensada e refletida com o objetivo de tornar mínimo o tempo gasto com a organização.

As transições entre tarefas também eram pensadas com a finalidade de se tornarem rápidas. Desta forma, foram introduzidos desde do primeiro dia de aulas, sinais e estratégias para a criação de rotinas. Para possibilitar este acontecimento, foi fundamental a criação e o desenvolvimento de regras e procedimentos a cumprir na aula. Estas rotinas acabaram por ser importantes também para as normas de segurança.

Esta foi uma dimensão que surgiu ao longo do estágio, principalmente no início do ano e no início de cada UD, como um desafio, pois a turma era demasiado grande e a pouca experiência não me permitia prever algumas situações.

3.2.4.Clima/Disciplina

A manutenção de um clima saudável e positivo, assim como a disciplina e respeito mútuo durante as aulas é um passo para a concretização dos objetivos.

Nesta perspetiva abordei as aulas de Educação Física de forma positiva, motivando os comportamentos apropriados com interações positivas, na presença de comportamentos inapropriados usei diferentes tipos de estratégias, desde castigos e chamadas de atenção, individuais, coletivas, no momento ou no final da aula.

Utilizei o contacto visual, a postura, a imagem e expressões faciais, para apelar, receber e provocar atenção da turma, sempre orientado para a compreensão dos diferentes níveis hierárquicos.

Transmiti entusiasmo através do humor e de uma expressão facial positiva. É certo que esta foi uma forma de estar que se foi desenvolvendo de uma forma gradual, pois o comportamento e a forma de estar da turma, como já foi referido diversas vezes, no início do ano foi um obstáculo, que veio a ser ultrapassado com uma aproximação e maior conhecimento de cada aluno, onde me apercebi, em conversas informais, os interesses, necessidades e motivações de cada um.

Para controlar a turma, numa fase inicial foi necessário tornar claras as regras de comportamento da sala de aula, tendo ainda a oportunidade de experimentar diferentes estratégias de castigo. De referir que ao longo do ano o comportamento foi melhorando e a partir de um certo momento as minhas estratégias de disciplina eram meramente de manutenção. Para manter o interesse e motivação da turma tentei envolver os alunos no processo de Ensino-Aprendizagem, colocando neles alguma responsabilização.

Para as diferentes matérias foi possível observar diferentes interesses e motivações dos alunos da turma. Na matéria de Ginástica de Solo e Aparelhos foram, maioritariamente, as raparigas que mostraram mais empenho e dedicação, já na matéria de Futsal, como seria de esperar foram os rapazes, apesar das raparigas terem-me surpreendido pela positiva com a sua vontade e persistência na superação das dificuldades.

3.2.5. Decisões de Ajustamento

O processo de Ensino não é estático. Logo, este depende de muitos fatores que, na grande maioria das vezes, não são possíveis prever na realização. Como tal, o planeamento que é elaborado não é imóvel, este deve ser visto e interpretado como um guia orientador da atividade e não como um documento normativo a seguir à risca. Todo o planeamento, PAT, UD e PA, são considerados flexíveis e dinâmicos.

No PAT foram feitos alguns ajustamentos. Inicialmente para o 3º período estavam projectadas três matérias, no espaço 5, o Bitoque Rugby, e de volta ao espaço 1 a Dança e o Judo. Contudo, com o aproximar das semanas

apercebemo-nos, em núcleo de estágio, que seria mais interessante e motivante para os alunos terem contato com uma nova modalidade, e por isso em vez de realizar a Dança e o Judo, lecionou-se a matéria de Desportos de Combate – Galhofa, um desporto de combate tradicional da zona de Bragança.

Nas UD as decisões de ajustamento recaíram principalmente na gestão de conteúdos. Em algumas matérias surgiram novos conteúdos, noutras foram necessárias retirar, tudo devido à evolução, positiva ou negativa, dos alunos. Estas alterações foram feitas no decorrer do ensino, durante as situações informais de avaliação formativa, onde após reflexão adaptei e ajustei o processo. Outra situação onde foi necessário adaptar foi nos momentos de avaliação, devido a alterações de calendário.

Nas aulas também existiram decisões de ajustamento. Por vezes em tarefas que estavam organizadas de uma forma e que por alguma razão não estava a funcionar ou a ir em contra os objetivos previstos, nestas alturas modifiquei as condicionantes ou a tarefa propriamente dita. Outros motivos pelo qual eu realizava decisões de ajustamento eram em relação aos materiais e espaço da aula disponíveis. Existiram vezes, pelas condições meteorológicas pouco favoráveis, foi necessário mudar para um espaço de aula diferente, e outras que foi necessário reduzir o meu espaço de aula para metade.

3.2.6. Estilos de Ensino

Como refere Mosston & Ashworth (1985), o domínio de modelos de ensino é, hoje em dia, uma competência exigida aos professores. Estes autores explicam sua existência e importância para uma compreensão da aprendizagem, pela diversidade de alunos no sistema educativo, pela necessidade de adaptar o ensino aos diferentes estilos de aprendizagem e tipos de inteligência e ainda, para potenciar as aprendizagens ao máximo. Desta forma,

“ (...) o processo de ensino, nas quais as decisões são um produto direto da interação Professor-Aluno, onde vão ser determinados os estilos de ensino.” (Mosston & Ashworth, 1985)

Estas decisões dizem respeito à autonomia do aluno nas tarefas e conseqüentemente à presença do professor no ensino. Tal facto influencia o tipo e estilo de ensino no processo de Ensino-Aprendizagem.

Desta forma e segundo Mosston & Ashworth (1985) surgem dois grupos de estilos de ensino. Os estilos do tipo de reprodução do conhecimento, mais convergente, (A- ensino por comando, B- ensino por tarefa, C- ensino recíproco, D- ensino com auto avaliação e E- ensino inclusivo) onde existe uma maior reprodução do conhecimento, os alunos têm pouca autonomia e o professor tem todo o poder de decisão. Depois, os estilos de descoberta e produção dos conhecimentos, do tipo divergente (F- descoberta guiada, G- descoberta convergente, H- produção divergente, I- programa individual, J- auto-ensino) os alunos têm mais responsabilidade no processo de aprendizagem, o conhecimento é feito pela própria descoberta e produção, o aluno tem mais poder de decisão, enquanto o professor está mais afastado do processo, existindo apenas como funções orientadoras.

Durante o estágio e nas minhas aulas com o 9ºA, devido às características pouco autónomas que a turma possuía, entre outros fatores, os estilos de ensino trabalhados com mais frequência foram os estilos de ensino por comando (A) e por tarefa (B).

Ao longo do ano letivo, mas principalmente numa fase inicial da matéria, foi conferida pouca autonomia aos alunos, estes praticavam a reprodução dos conteúdos, realizando as tarefas por mim explicadas e demonstradas com rigor. Estes estilos de ensino também me permitiam prever os comportamentos dos alunos e portanto, manter um bom controlo do clima e disciplina na sala de aula. No entanto, em alguns momentos do ensino, e em determinadas matérias, foi atribuída à turma maior autonomia, administrando aos alunos maior poder de decisão. Como exemplo das transferências de pequenas tomadas de decisão por parte do aluno foi: a elaboração da sequência de Ginástica; o trabalho a pares, em que um aluno executa e o outro dá feedbacks segundo os critérios do professor; ou a atribuição de diferentes tarefas para diferentes grupos e nível.

3.3.Avaliação

A Avaliação da Aprendizagens é uma actividade intrínseca e presente em todo o processo pedagógico, desempenhando um papel fundamental nas aprendizagens dos alunos. É indispensável a qualquer sistema escolar.

Há uma pluralidade de definições de Avaliação. Não existe uma avaliação universal igual para todos.

“Não há uma avaliação, mas avaliações”. (Pinto J. , 2004)

Avaliação consiste na recolha sistemática de informação, que possibilita um juízo de valor facilitando uma tomada de decisão. Surge, para informar o aluno sobre a qualidade do seu desempenho escolar, tendo em conta os objectivos pré-definidos e ainda para o educador verificar a eficácia da sua acção e o valor de um método pedagógico.

“A avaliação pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que já foi conseguido e o que está a levantar dificuldades, procurando encontrar as melhores soluções.” (Ribeiro, 1999)

Esta fornece informação necessária para o professor procurar meios e estratégias de melhoria e para os alunos se aperceberem das suas próprias dificuldades e juntamente com o professor, ultrapassá-las.

Desta forma, a recolha exaustiva de informações ao longo das aulas contribuiu para uma avaliação mais objectiva e fiável. Também a recolha de informação informal é compreendida dentro da Avaliação, através da observação direta, que pode tornar o processo mais subjetivo, mas nunca menos correto.

A avaliação em Educação Física deve, primeiro que tudo, assumir um nível de congruência elevado, sobre o que se quer ensinar e o que se ensina de facto, para que depois o processo de avaliação seja lógico. Portanto a congruência entre planificação, realização e avaliações é indispensável.

Assim, o núcleo de estágio, em conjunto, elaborou o sistema de Avaliação, e seus instrumentos, para as suas aulas. Foram elaborados de forma rigorosa e adaptada às condições de ensino, respeitando a validade e fidelidade do

sistema, assim como os objetivos traçados no planeamento, do ciclo, ano e matéria, nos domínios cognitivos (aprender a saber), sócio-afetivo (aprender a ser) e psico-motor (aprender a fazer). Desta forma foram organizados quer os momentos, (formais e informais) quer as grelhas de avaliação, com base nas competências, objetivos e critérios de êxito.

Segundo Cardinet (1983), citado por Pais, A., & Monteiro, M. (1996). a avaliação assume três funções:

- Regular os processos de ensino/aprendizagem;
- Certificar, como objecto de reconhecimento de aprendizagem;
- Seleccionar e orientar o percurso do aluno.

Automaticamente somos remetidos para os diferentes tipos de avaliação: Avaliação Diagnóstica (AD), Avaliação Formativa (AF) e Avaliação Sumativa (AS).

3.3.1. Avaliação Diagnóstica

“A Avaliação Diagnóstica pretende averiguar da posição do aluno face a novas aprendizagens que lhes vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, em certos casos, de resolver situações presentes (...) é fundamentalmente utilizada no início de novas aprendizagens.” (Ribeiro L. , 1999)

Para que os alunos realizem as aprendizagens é necessário diagnosticar as suas dificuldades e limitações e perceber quais as aprendizagens que poderão vir a realizar com ajuda dos professores. A sua função essencial é, verificar se os alunos possuem certas aprendizagens anteriores, que servem de base à unidade que se vai iniciar, rever os conteúdos e identificar os diferentes grupos de alunos.

A AD foi realizada na primeira aula de cada matéria, aqui era feita uma observação e recolha de dados sobre as capacidades e habilidades que os alunos da turma possuíam no momento inicial. Posteriormente foi refletido e planeado todo o processo, segundo as capacidades dos alunos, de forma a decidir sobre os conteúdos a abordar e as estratégias de intervenção para os diferentes grupos de alunos. Para determinar o nível dos alunos, foram

determinados os critérios de êxito para cada um dos níveis e a partir daí, cada conteúdo era avaliado de 1 a 5.

3.3.2.Avaliação Formativa

“A Avaliação Formativa pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar soluções.” (Ribeiro L. , 1999)

A AF permite, ao longo do ano, orientar e regular a actividade pedagógica e controlar os seus efeitos. Este é um factor determinante no desenvolvimento da EF. É aplicada aos processos utilizados pelo professor para adaptar a sua acção pedagógica em função dos processos e problemas de aprendizagem observados nos alunos. Este tipo de avaliação pode ser dividido em três fases: recolha de dados ou informações, interpretação desses dados e o ajustamento das actividades de acordo com essa interpretação. A sua grande finalidade é assegurar a articulação entre as características dos intervenientes e as características do sistema.

Durante o meu processo de Ensino-Aprendizagem, a AF foi realizada de uma forma informal, através da observação diária e do questionamento. Posteriormente eram feitas as anotações qualitativas acerca dos resultados e, quando necessário, definidos novos reajustamentos ao ensino.

3.3.3.Avaliação Sumativa

“A Avaliação Sumativa pretende ajuizar do progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de ensino de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações de tipo formativo e obter indicadores que permitiam aperfeiçoar o processo de ensino.” (Ribeiro L. , 1999)

Esta avaliação é caracterizada pelo juízo em relação à prestação global dos alunos. Ou seja um balanço final sobre o desenvolvimento dos conhecimentos e competências, capacidades e atitudes dos alunos. Tem lugar no final de cada período letivo, no final de cada ano e de cada ciclo de ensino, podendo, também, ter lugar no final de uma ou várias unidades temáticas.

A AS foi realizada na última semana de aulas da matéria e no final do período letivo. No final de cada matéria eram feitas as avaliações práticas e ainda o teste da matéria lecionada, estas situações eram realizadas em momentos formais onde cada conteúdo era avaliado numa escala de 1 a 5, onde o (1) não executava o conteúdo e o (5) executava na perfeição. Depois na AS de final do período, eram tidos em conta os vários domínios da avaliação, domínio psicomotor (60%) e o domínio cognitivo (10%), onde eram realizadas as média das duas matérias lecionadas no período letivo, o domínio sócio - afetivo (20%) e ainda a condição física (10%). Desta forma eram feitas quer as Avaliações Práticas, quer as Avaliações Teóricas da matéria de ensino.

3.4. Atitude Ético-Profissional

“(...) parece importante que o professor seja capaz de teorizar as suas práticas e de as comunicar aos outros, assim como intervir na escola, de forma a estimular a interação com a comunidade. Deve portanto, ser um professor “completo” atuando nos mais variados contextos da ação educativa.” (Cunha, 2008)

Ao longo do estágio tentei mobilizar todos os conhecimentos adquiridos na minha formação académica, quer os da profissão docente quer os da disciplina de Educação Física, aplicando-os da forma mais coerente e consciente possível.

Para tal aplicação, e como forma de potenciar todo o meu domínio cognitivo, dei continuidade à minha formação académica, esforçando-me para a auto-formação na pesquisa de mais e melhor conhecimento nas áreas do ensino desportivo: planeamento, realização e avaliação. Como forma de potenciar todo o processo de aprendizagem, foram diversas as vezes que procurei saber, com recurso a bibliografias e documentos normativos, sem esquecer os FB e sugestão de outras pessoas/professores experientes na área.

O tempo e disponibilidade que dei ao estágio foram sinónimos do compromisso e dedicação que tive para com o estágio no geral e a turma em especial. Também com o núcleo de estágio foi tomada uma atitude de disponibilidade e

responsabilidade. Havendo sempre um clima de positivismo e compromisso nas relações inter-pessoais e profissionais que nos uniam como grupo. Nas ações de trabalho, de grupo ou individual, demonstrei capacidade de iniciativa e respostas nas diversas situações, assumindo os compromissos e exigências do estágio pedagógico.

No processo da minha prática pedagógica, essencialmente numa parte final, as inovações e originalidade começaram a surgir nos planeamentos e realizações, pois com todos os outros domínios controladas, a segurança para experimentar coisas novas foi surgindo.

Nos diferentes momentos de planeamento, realização e avaliação tomei sempre uma atitude crítica e reflexiva, sobre as minhas ações. Quando deparada com questões ou situações problemáticas do ensino adoptei uma postura reflexiva com o objetivo de encontrar soluções que beneficiassem todo o ensino, em especial as aprendizagens dos alunos.

Promover as aprendizagens curriculares foi outro aspeto, que me preocupei e disponibilizei como profissional docente da Educação Física. Perante a heterogeneidade de alunos da turma, adaptei sempre o meu ensino mediante as diferentes evoluções dos alunos, apresentando-me sempre disponível para compreender e ajudar nas dificuldades de cada um.

“o Bom professor deve ser capaz de desenvolver e de promover nos alunos a aptidão para ser tudo o que se pode ser. Logo o valor atribuído aos docentes não deve ser tanto ao seu saber, (embora também) mas sobretudo às relações interpessoais que se estabelece (...)” (Cunha, 2008)

Capítulo IV – Análise Reflexiva

4. Análise Reflexiva do Estágio Pedagógico

Terminado o estágio pedagógico cabe-me a mim, aluna do Mestrado de Ensino da Educação Física dos ensinos Básicos e Secundários e estagiária da Escola Secundária com 3º CEB Quinta das Flores na disciplina de Educação Física, descrever, refletir e analisar todo o meu percurso pedagógico. Ressaltar quais as minhas formas de trabalho e intervenção junto da turma, as aprendizagens realizadas enquanto estagiária, as minhas experiências como professora e dinamizadora do conhecimento e habilidades dos alunos, minhas dificuldades e formas de resolução, assim como a capacidade de auto-reflexão e crítica, tanto no trabalho individual, como no trabalho de grupo, são os tópicos que pretendo analisar de seguida.

Considero o estágio pedagógico uma experiência bastante enriquecedora, tanto ao nível pessoal como profissional. Ao longo dos meses de estágio foi possível adquirir novos conhecimentos e consolidar todos outros adquiridos durante a minha formação académica, a partir da minha experiência como professora estagiária, integrada numa escola e grupo disciplinar. Transportarei para o meu futuro profissional, as experiências positivas e as menos positivas, como um ensinamento e exemplo para as minhas futuras funções como docente de Educação Física.

Das **Aprendizagens Realizadas**, foco dois pontos fulcrais, que ao longo do estágio me fui apercebendo serem fundamentais para um desenrolar do processo de Ensino – Aprendizagem e conseqüentemente do seu sucesso. Primeiro o relacionamento Professor - Aluno e conseqüentemente o clima e disciplina na aula, e depois a importância de uma boa preparação, no domínio dos conhecimentos e técnicas pedagógicas da disciplina de Educação Física.

No primeiro ponto, o relacionamento entre Professor - Aluno e todo o clima e disciplina daí proveniente é característica essencial para um ensino efetivo. Conhecer os alunos, seus interesses, motivações, necessidades, dificuldades,

e em algumas situações, o contexto social onde estão inseridos é fundamental e indispensável para a interpretação dos alunos e a partir daí influenciar o processo e a progressão individual de cada aluno. Mas não só do conhecimento específico e individualizado dos alunos depende do sucesso do processo de E – A, também as estratégias e técnicas de prevenção são fundamentais para uma gestão dos comportamentos, organização da aula, transição de tarefas, motivação dos alunos, etc. Portanto, criar um bom clima de aula, promovendo a disciplina e a relação Professor - Aluno, é na minha opinião muito importante e relevante.

No segundo ponto, **a mobilização de conhecimentos de carácter científico**, no domínio e aplicação dos conhecimentos teóricos e das técnicas de intervenção pedagógicas, são de igual forma importantes. Uma boa preparação científica e uma atualização constante dos saberes, atuam de uma forma promotora e positiva de toda a atividade pedagógica. Desta forma, o sucesso dos alunos depende em muito da dedicação que cada professor coloca no seu trabalho. Contudo, sou da opinião que o domínio do saber científico, não é o mesmo que saber colocar em prática.

Nesta perspetiva, a de qualidade e dedicação do professor, assumi perante o meu estágio e perante a turma um **Compromisso com as Aprendizagens dos Alunos**. O meu objetivo, como estagiária de Educação Física, foi o de elevar os níveis de proficiência dos alunos ao máximo, tendo como linha orientadora as suas capacidades e habilidades motoras. Tal compromisso foi possível através da elaboração de um planeamento, com recurso a diferentes estratégias e decisões de ajustamento que, com dedicação, esforço e compreensão, tentei que os alunos da turma fossem alvo de um crescimento individualizado, quer nas aprendizagens significativas da disciplina, quer na transferência de valores, direcionado para o desenvolvimento de indivíduos dinâmicos e ativos na sociedade.

Este processo torna-se mais fácil de atingir, com a intervenção, cooperação e troca de ideias e conhecimentos se existir uma **Intervenção do Núcleo de Estágio como Grupo de Trabalho**. Apesar do trabalho individual de cada um ser importante e ser reflexo das capacidades, habilidades pedagógicas e

conhecimentos científicos que cada estagiário é detentor, considero o trabalho de grupo bastante importante para a atividade pedagógica.

Graças ao modo de funcionamento do núcleo foi-me possível atingir, de uma forma mais acessível e rápida, os meus objetivos. O grupo mostrou pré-disposição, humildade e capacidade para planear em grupo, pois todos perseguiram os mesmos objetivos. Mesmo quando surgiram contrariedades e constrangimentos, com horários, disponibilidades e formas de trabalho distintas. Como estagiária cooperei e participei nas decisões do planeamento, ouvindo e respeitando a opinião dos colegas e de forma respeitosa manifestei o meu sentido crítico e sugestivo. Ao longo do ano letivo, existiram sempre conferências de trabalho, com o Orientador da escola e os quatro estagiários. Estas eram realizadas todas as semanas, com o objetivo de tratar de assuntos ao nível do planeamento, realização e avaliação do ensino.

Para além do trabalho desenvolvido em grupo de estágio, a troca de ideias com os restantes professores do grupo disciplinar também existiu, através de uma boa relação e cooperação, embora pense que esta troca poderia ainda ter sido mais efetiva do que na realidade foi.

Assim, ao iniciar o ano letivo, o núcleo de estágio, junto do orientador e sobre orientação dos documentos normativos do Grupo, definiu as modalidades a abordar no ano letivo. A periodização das matérias deu-se por blocos, intercalando as matérias coletivas e individuais. A última matéria planeada no PAT veio a sofrer alterações, em vez das duas matérias (Dança de Desportos de Combate), resolveu-se por abordar apenas uma, a de Desportos de Combate “Galhofa”, luta tradicional da zona de Bragança.

Desta feita, no **Planeamento** das aulas de Educação Física, no PAT, nas UD e PA, procurei junto dos meus colegas de estágio, orientadores e professores da escola e ainda da faculdade, efetuar sempre uma reflexão e análise para uma consistente **justificação das estratégias do ensino**, planeamento da estrutura organizativa e procedimentos de optimização das diferentes dimensões e habilidades pedagógicas que um professor deve dominar.

Todas as opções realizadas ao longo do estágio, perante problemas e situações que imperavam uma mudança, foram decisões ponderadas, que sempre considerei serem as mais certas e benéficas para os alunos.

Nas minhas aulas procedi à sequência de conteúdos, conforme o planeado no PAT e nas UD. Nas aulas de 90 minutos introduzia, na maioria das vezes, novos conteúdos, enquanto as aulas de 45 minutos serviam para exercitação ou consolidação dos conteúdos já introduzidos. Estas sequencializações respeitaram sempre os momentos de introdução, exercitação e consolidação das aprendizagens programadas para a aula, através da UD. Existiram momentos, em que estes conteúdos foram alterados e adaptados, umas vezes pela progressão e prestação dos alunos, outras por questões de calendário.

Partindo sempre dos conteúdos e situações mais simples para as mais complexas, através de progressões exequíveis até chegar às situações reais ou jogo formal. Por exemplo, na Ginástica de Solo os alunos partiram de situações simples e isoladas de elementos gímnicos, ao longo das aulas foram progredindo até chegar à elaboração de uma sequência gímnica, apresentada na última aula de Ginástica. Nas modalidades coletivas sucedia o mesmo, contudo os primeiros exercícios da aula eram de situações analíticas ou de jogos reduzidos, principalmente para os alunos de níveis inferiores (introdutórios ou elementares), depois na fase final da parte fundamental, ou até mesmo na maior parte da aula, situações de jogo formal. Pois ao longo das aulas tive em especial atenção ao modelo de ensino dos *“Teaching Games For Understanding”*.

Este modelo de ensino está focado no desenvolvimento das habilidades dos alunos para a prática de jogos coletivos, como tal o tempo passado em jogo é fundamental, ao contrário do modelo tradicional da aprendizagem dos jogos coletivos que é centrada apenas nas habilidades técnicas e em situações analíticas. Com o *“Teaching Games For Understanding”* o maior tempo gasto no jogo permite aos alunos perceber quais as habilidades fundamentais, os alunos passam a conhecer melhor o jogo e a sua componente tática e respetivo transfer para outras modalidades.

Quer nas modalidades coletivas, quer nas modalidades individuais, fiz por colocar uma vertente competitiva nas aulas, pois grande parte da turma possuía características competitivas o que influenciava bastante o clima da aula, em particular o empenho e motivação dos alunos.

Uma outra estratégia que utilizada nas aulas foi o trabalho por estações. O meu objetivo ao realizar uma aula com vários postos de trabalho era o de aumentar o empenhamento motor dos alunos e conseqüentemente o tempo em prática, a responsabilização das suas ações e a ajuda entre eles. É claro que para este formato de aula eram elaborados documentos de apoio com ilustrações e critérios de êxito, presente em cada estação, para além da instrução inicial bem clara, com os objetivos e critérios de êxito bem definidos.

Este formato de aula nem sempre foi possível e nem sempre correu bem, quer pelos recursos espaciais existentes, quer pelas características pouco autónomas que a turma possuía, no entanto o trabalho por estações foi sempre uma prioridade. No início este foi um problema que tive de ultrapassar, pois a autonomia dada aos alunos culminou em vários desvios de comportamento e tarefa. As estratégias de castigos utilizadas nesta fase também não surtiram o efeito desejado. Como tal, alterei quer as minhas estratégias de castigo quer a minha postura e discurso.

As aulas de Ginástica foram um bom exemplo do trabalho por estações, cada aula tinha 4 a 5 estações onde em cada uma era desenvolvido uma tarefa e objetivos diferentes. A UD de Futsal foi também um bom exemplo do trabalho por estações, enquanto um grupo de alunos realizava o jogo formal, os restantes grupos, divididos por outras estações, realizavam situações de jogo reduzido ou situações analíticas, ao fim de alguns minutos os grupos rodavam pelas estações. O mesmo tipo de situação ocorreu nas aulas de Bitoque Rugby.

Esta forma de trabalho foi tendencialmente trabalhada por grupos de nível. Cada grupo de trabalho era formado pelo nível de proficiência, apresentados nas primeiras aulas de avaliação diagnóstica, e juntos trabalhavam os mesmos objetivos. Os grupos de nível, ou os grupos de trabalhos, eram pensados e

formados por mim antes das aulas, com o objetivo de maximizar o tempo e fazer uma boa gestão das tarefas e sua organização.

Os estilos de ensino adotados nas aulas foram do tipo convergente (ensino reprodutivo do conhecimento), para que existisse um maior controlo e empenhamento da turma. Os alunos tinham pouca autonomia, e eu como professora tomava as decisões e solicitava tarefas, os alunos realizavam-nas. No entanto, como já foi aqui referido, em alguns momentos proporcionei momentos de alguma autonomia aos alunos, onde existiu maior transferência de decisões para os alunos. Estes seguiam os critérios de êxito para as tarefas, transmitidos por mim e auxiliados pelos documentos de apoio, com diferentes graus de dificuldade. Foi o caso das matérias abordadas por estações, já aqui referido.

A montagem e arrumação do material para a aula eram realizadas sempre com o auxílio dos alunos. Primeiro, a montagem e preparação era feita, antes da aula começar, com auxílio dos alunos que chegavam mais cedo, e dependendo da modalidade e seus recursos materiais, efetuava a montagem/distribuição do material pelo espaço.

Na matéria de Ginástica, e Atletismo (corrida de barreiras e estafetas), os materiais, como tapetes, aparelhos ginástica, barreiras ou cones sinalizadores, eram transportados e devidamente distribuídos no espaço. Nas matérias como o Voleibol, o Futsal ou o Bitoque Rugby era realizado apenas o transporte das bolas e coletes.

Naturalmente, os alunos que cooperassem na montagem ficavam livres de recolher e arrumar de novo todo o material utilizado. Para que a arrumação fosse rápida, após a preleção final da sessão, eram escolhidos dois ou mais alunos para estas funções. O critério de escolha era baseado nos alunos que chegavam atrasados ou os que apresentavam durante a aula comportamentos de desvio. Esta arrumação era feita sempre sobre a minha supervisão. Numa fase inicial do estágio os momentos de arrumação eram desordeiros e confusos, no entanto ao longo das aulas fui adotando estratégias e tornando-me cada vez mais rígida nesta fase da aula.

As instruções e demonstrações foram outros aspetos que numa fase inicial não correram tão bem, mas à semelhança dos momentos de arrumação, estas sofreram uma melhoria significativa no desenrolar do estágio.

As instruções têm como objetivo apresentar, definir e reforçar os diferentes aspetos da aula. No início ou mesmo durante a sessão, as instruções serviram, para além transmitir os conteúdos da aula, seus objetivos e tarefas, para aferir as aprendizagens das aulas anteriores. Na parte final da aula, nas instruções, eram realizadas as revisões e respetivos critérios de êxito dos conteúdos abordados, uma vez mais, com recurso ao questionamento. Neste momento também eram sintetizados os aspetos positivos e negativos da aula.

Nas primeiras aulas o tempo passado em instrução era muito reduzido, o discurso era demasiado sintético e por vezes não transmitia a informação completa e necessária, pois ficavam por referir algumas informações selecionadas para a aula. Isto acontecia principalmente pela inexperiência, e por querer rentabilizar ao máximo o empenhamento motor da turma. No entanto, com o tempo, melhorei as minhas habilidades nas instruções e preleções da aula e como resultado, o ensino e o desempenho dos alunos veio a melhorar, pois uma boa preleção facilita o entendimento das tarefas, suas organizações e ainda, o mais importante, a execução dos critérios de êxito.

Nas minhas demonstrações eram apresentados os elementos críticos e critérios de êxito das tarefas, por vezes era eu própria que demonstrava as tarefas, outras vezes, um aluno que apresentasse um bom desempenho técnico da modalidade. Numa fase inicial as minhas demonstrações passavam por simples demonstrações verbais. Com o tempo vim a aperceber-me que o estímulo visual era mais permanente e efetivo, ao contrário do estímulo verbal, a partir daí comecei a trabalhar neste sentido.

Estes foram alguns dos meus métodos e estratégias adoptadas na **Realização** das aulas de Educação Física. Experimentadas e desenvolvidas, quando me deparei com **Dificuldades do Ensino**, nas diferentes matérias e momentos do estágio.

As dificuldades com que me defrontei ao longo do estágio concentraram-se principalmente em dois momentos da realização: nas primeiras semanas de contato com a turma e nas primeiras aulas de cada matéria.

O primeiro momento, onde tudo e todos eram novidade, a dificuldade residiu no contato com todas as dimensões do ensino, mas o maior desafio e mais importante no momento inicial foram as dimensões do Clima e Disciplina da aula. No segundo momento a dimensão de gestão, foi o meu maior desafio.

A par destes dois momentos a dimensão de instrução foi desenvolvida ao longo de todas as aulas e, nesta dimensão, senti uma grande evolução, desde do momento inicial até ao final.

Numa fase inicial do ano, onde foram lecionadas as matérias de Ginástica de Solo e Ginástica de Aparelhos, durante as 7 primeiras semanas do ano letivo, o meu maior desafio foi o clima e disciplina da turma. Uma vez que a turma era composta por 27 alunos, o trabalho desenvolvido por estações e a proximidade física entre alunos, o controlo da ação e comportamento da turma foi difícil, mas superado ao longo das aulas.

Nesta situação, com a turma organizada por grupos, tanto quanto os recursos espaciais e materiais permitiam, a proximidade entre alunos era grande e o seu empenhamento motor e comportamentos bastante influenciados. Para esta situação senti a necessidade imediata de adotar uma postura mais rigorosa e de “pulso forte”. Outros aspetos que tive de melhorar nesta primeira fase foram as instruções e localizações das mesmas, pois o espaço da aula ficava num local de passagem do pavilhão e facilmente os alunos eram distraídos pelas movimentações externas à aula.

Demonstrar mais as tarefas aproveitando os alunos com mais capacidades, criar subestações para diminuir a proximidade dos alunos, posicionar-me na aula de forma a nunca perder os alunos do meu campo de visão, organização e disposição do material pelo espaço, usar mais progressões de ensino, diminuir o tempo de transição entre tarefas, estabelecer regras de segurança na sala de aula, e o mais importante num fase inicial do ano, criar rotinas de trabalho, na

entrada e saída da aula, na montagem e arrumação do material, na forma de estar na aula, etc. foram, entre outros, aspetos a ter em conta numa fase inicial.

Esta foi uma UD bastante complexa, trabalhadora e desafiante, por ser a primeira matéria. Após o primeiro contato, a primeira experiência e as primeiras dificuldades, foi necessário criar processos de adaptação e adequação da minha atuação para com um ensino efetivo e coerente.

O FB foi trabalhado dia após dia, sendo o meu maior desafio fechar o ciclo deste, ou seja, (1º) atribuir o primeiro FB após observação/interpretação, (2º) acompanhar a prestação do aluno, a fim de verificar se o FB teve o efeito pretendido e (3º) diagnosticar novo FB. Com o avançar do estágio a quantidade e qualidade foi melhorando, procurei sempre utilizá-lo para que este influenciase a qualidade do empenhamento motor das tarefas, apercebi-me ainda da importância de um reforço positivo contínuo para a motivação dos alunos. Existiu uma matéria que para mim foi mais desafiante neste campo, o Futsal, pois esta era uma matéria que não dominava tão bem como as restantes e por isso foi necessária uma boa preparação para as aulas, através da investigação na didática específica da matéria.

Nas restantes UD, Voleibol, Atletismo, Futsal, Bitoque Rugby e Desporto de Combate as minhas dificuldades foram, principalmente na organização dos grupos de trabalho ou equipas e sua forma de funcionamento, organização e disposição do material, das tarefas da aula e suas transições fluentes.

Não só com os conselhos e comentários do orientador após cada aula, mas também o facto de assistir a outras aulas de colegas de estágio e de outros professores da escola, foi possível ultrapassar cada dificuldade sentida.

No que diz respeito à **Avaliação das Aprendizagens** dos alunos, atividade que define todo o processo de Ensino-Aprendizagem não faz qualquer sentido sem a presença deste.

No início do ano todos os alunos e Encarregados de Educação tiveram acesso a um documento onde tomaram conhecimento dos critérios de avaliação e o peso dos diferentes domínios da disciplina. Domínio psicomotor (60%), domínio cognitivo (10%), domínio sócio - afetivo (20%) e ainda a condição física (10%).

Respeitando os domínios de avaliação na Educação Física, a avaliação, realizada ao longo do ano letivo e em cada Unidade Didática, através dos diferentes tipos de avaliação: diagnóstica, formativa e sumativa.

Em reunião de estágio ficou decidido que a AD ira ser realizada na primeira aula de cada UD. Os instrumentos de avaliação eram construídos em grupo, após definição dos objetivos finais para a UD eram delineados os pré-requisitos necessários para a lecionação da matéria e para avaliação inicial. No final de cada aula, os resultados da avaliação e os grupos de nível eram refletidos. A partir dessa análise era possível determinar as principais dificuldades dos alunos, perceber as aptidões da turma e refletir sobre as tarefas a realizar, suas organizações e complexidade.

A AF assume funções indispensáveis ao processo de ensino, pela sua função e caráter regulador das aprendizagens realizadas pelos discentes. Esta foi feita em todas as aulas de forma contínua e informal, através da observação e interpretação dos resultados. Desta forma, a verificação das habilidades permitiu-me ajustar e corrigir várias vezes as minhas aulas, como forma de verificar as aprendizagens e resultados. Também neste tipo de avaliação existiu um instrumento para anotar as informações qualitativas de cada aluno após as aulas.

A AS corresponde a um balanço final das aprendizagens, onde é formulado um juízo global sobre o aluno. É uma informação sobre um todo, sobre o qual, até aí tinham sido feitos juízos parcelares. Neste tipo de avaliação final era realizado na última semana de aulas da matéria, a de 45 minutos para o teste de avaliação dos conhecimentos e a aula de 90 minutos para avaliação prática. As grelhas de avaliação, os testes cognitivos e ainda uma matéria resumo para os alunos estudarem para o dia do teste, eram também construídas em grupo de estágio, tendo como linha orientadora os objetivos traçados para o final da UD e as características da turma. No que diz respeito à avaliação final do período letivo, foram feitas as médias dos domínios psicomotor e cognitivo das duas matérias abordadas nesse período e posteriormente, avaliados os domínios sócio afetivo e a condição física.

Dada a inexperiência e a insegurança, numa fase inicial, tanto na Avaliação Diagnóstica, como na Formativa ou Sumativa, senti dificuldades ao nível da avaliação, no que diz respeito ao preenchimento das grelhas, principalmente na transcrição dos resultados quantitativos e qualitativos para o instrumento. Nesta fase, questionei-me diversas vezes: se estaria a ser justa nas avaliações; se o meu rigor estaria ser equitativo para todos os alunos; e se o meu grau de exigência permanecia sempre igual ao longo das avaliações, dos primeiros alunos a serem avaliados, para os últimos. De alguma forma, saber se a minha avaliação seria verdadeiramente justa, foi uma das minhas preocupações.

A Avaliação da Condição Física foi avaliada no início do ano letivo e no final de cada período. Para esta avaliação o grupo disciplinar possuía um protocolo de avaliação com vários testes, (resistência, velocidade, flexibilidade, força inferior, força superior e força abdominal) para posteriormente cada professor aplicar nas suas turmas.

Apesar de um dos objetivos da Educação Física ser o de proporcionar atividades capazes de elevar e/ou manter as capacidades condicionais e coordenativas dos alunos, certifiquei outra realidade. Embora seja atribuído um peso de 10% à condição física no final de cada período, ao fazer uma análise de todos os momentos do ensino, considero que atribui pouca importância e poucos momentos para o treino das capacidades condicionantes e coordenativa dos alunos, ainda que estas fossem trabalhadas de forma inconsciente ao longo das aulas. Prova disso são os resultados pouco expressivos de melhorias da condição física ao longo do ano letivo.

No que diz respeito às **Inovações Pedagógicas** realizadas durante o estágio, penso que estas não tiveram tanto lugar no meu estágio como gostaria. Na fase inicial do estágio foi pouco o tempo entregue a este tópico, pois a minha atenção e preocupações estavam dirigidas para outros temas. Gostaria de ter inserido mais os alunos, quer no processo avaliativo das suas aprendizagens, das suas e das dos outros, quer no conhecimento dos objetivos individuais de cada aluno nas diferentes matérias.

No entanto, foi possível ainda efetuar algumas inovações. A última matéria abordada no ano letivo concentrou-se nos desportos de combate, a Galhofa. Esta é uma luta tradicional do concelho de Bragança, pouco conhecida e desenvolvida nos meios escolares. Outra inovação que fui aplicando durante as aulas, quando os recursos espaciais o permitiam, foi o recurso a meios gráficos, vídeos, imagens, ilustrações e quadros ou documentos informativos.

Analisando de um forma geral todo o meu estágio pedagógico, quer no momento de planeamento, quer nos momentos de realização e avaliação, posso concluir que os meus objetivos inicialmente traçados no PFI foram atingidos, uns de uma forma mais aprofundada que outros.

Neste momento final do estágio, entendo a perceção dos erros e das dificuldades sentidas, durante a conceção e realização do processo de ensino, como algo positivo. Através destas desenvolvi as minhas capacidades de reflexão e reformulação, e também foram através destas que desenvolvi as minhas capacidades como professora de Educação Física.

Contudo, o meu processo de formação não é estanque e portanto compreendo as habilidades pedagógicas de um docente como algo que tem de estar em constante atualização.

Capítulo V – Tema/Problema

5. Planeamento Anual das aulas de Educação Física – Por Blocos ou por Etapas?

Descrever e desenvolver um Tema/Problema que experienciei durante o meu estágio pedagógico, demonstrando integração do conhecimento de carácter científico e de relevância à prática da disciplina de Educação Física, é o objetivo do presente capítulo. Assim, o Tema/Problema que irei desenvolver irá reportar-se ao Planeamento Anual das aulas de Educação Física, por Blocos ou por Etapas.

Primeiro identifico algumas ideias essenciais para uma a melhor compreensão do Tema/Problema, depois descrevo de uma forma geral o planeamento da aulas de Educação Física, e em específico do PAT, para aí depois poder integrar o Tema/Problema que experienciei no estágio, com identificação do que é definido no Programa Nacional e como é tratado na escola em questão. Desta forma termino o capítulo com algumas questões acerca do Tema/Problema.

Algumas Aprendizagens

Nestes últimos anos, a minha formação académica convergiu para o ensino da Educação Física. Neste processo de formação, adquiri vastos ensinamentos. Aprendi que a EF é um produto da cultura social moderna, é um elemento do património humano e um meio indutor de saúde. Nas escolas, a **Definição da Disciplina de Educação Física** passa por um:

“Processo racional, intencional e sistematizado, que consiste em garantir que cada aluno possa apropriar-se das habilidades técnicas e conhecimentos, apropriação esta, presente no desenvolvimento de capacidades e formação de aptidões, atitudes e valores, visando a plenitude das suas potencialidades de atividade física significativa, multilateral e eclética.” (Bom, et al., 2001)

Outra aprendizagem realizada foi a tomada de conhecimento do que é ser um bom professor.

Um **bom professor**, segundo Siedentop (1998) citado nos documento de apoio à disciplina de Didática da Educação Física (2011), é um investigador que se questiona acerca das razões subjacentes às suas decisões educativas. Este questiona-se sobre o insucesso dos seus alunos, faz dos seus planos de aula meras hipóteses de trabalho e o seu objetivo principal é promover a aprendizagem. Um bom professor acredita ainda na importância da qualidade do ensino e no papel fundamental da promoção das aprendizagens, lê criticamente os manuais e propostas didáticas, questionando-se sobre as funções da escola e se estas estão a ser realizadas.

Segundo o mesmo autor, um professor competente favorece a aprendizagem e o desenvolvimento dos seus alunos num nível mais elevado.

“Necessitamos de conceber o professor de Educação Física como um especialista com um conhecimento científico e pedagógico profundo, um profissional que realiza uma atividade técnica e reflexiva, que atua de uma forma crítica respeitando princípios éticos e morais, e que apresenta a disposição e capacidade para continuamente desenvolver e melhorar a eficácia do seu trabalho, perseguindo a dignidade profissional. Professores que atuam de acordo com princípios éticos e morais.” (Costa, 1996)

Na minha formação académica tive o primeiro contato com documentos normativos da disciplina, os Programas Nacionais de Educação Física.

Entre as diversas finalidades para a existência de um programa, reforço uma das delas. O programa de Educação Física serve para,

“ (...) assegurar a aprendizagem de várias matérias representativas das diferentes atividades físicas, promovendo o desenvolvimento harmonioso, multilateral e eclético do aluno.” (Bom, et al., 2001)

Estes programas apresentam uma lista das competências para os diferentes anos de ensino, bem como os processos que permitem realizar os objetivos, suas orientações metodológicas com os princípios e regras gerais a observar na organização da atividade educativa das aulas de Educação Física.

Contudo, o cumprimento destas orientações metodológicas estão sujeitas a adaptações, quer do próprio local de ensino, do grupo disciplinar, quer do próprio professor, conforme refere o próprio programa,

“Considera-se que os processos formativos são objecto de deliberação pedagógica ao nível da realidade educativa concreta, cujas limitações e possibilidades particulares só podem ser apreciadas pelo próprio professor.” (Bom, et al., 2001)

Coloca-se então no professor a responsabilidade de escolher e aplicar as melhores soluções pedagógicas, aplicando os seus conhecimentos científicos e pedagógicos, para que os alunos atinjam os objetivos finais, de ano ou de ciclo, delineados à priori no programa. Nesta perspetiva, os programas não subestimam a capacidade

“ (...) de deliberação pedagógica do professor, quer no que respeita à selecção, organização e aplicação dos processos formativos, quer na periodização dos objetivos em cada ano e até na definição dos níveis de exigência na realização desses objetivos .” (Bom, et al., 2001)

O Planeamento

A elaboração de um planeamento para as aulas de Educação Física, seja ela a que nível for, constitui o primeiro passo para a preparação de um ensino eficaz e coerente. Partindo do contributo específico da disciplina de Educação Física, para o objetivo geral da educação, passando por um reajustamento contínuo entre Plano Anual de Turma (PAT), Unidades Didáticas (UD) e Planos de Aula (PA), o planeamento foi realizado de uma forma ponderada e refletida.

“Os trabalhos de Planeamento do Professor de Educação Física relacionam a direção essencial das exigências e conteúdos programáticos com a situação pedagógica concreta; são expressão da personalidade do professor, do conhecimento e competência do seu estilo individual de ensinar.” (Bento, 2003)

Segundo o mesmo autor, a tarefa complexa de planeamento de um professor de Educação Física consiste em conferir uma ordem metodológica, primeiro às indicações programáticas, os objetivos, as tarefas e os conteúdos, depois tendo sempre em consideração as condições disponíveis no local, recursos materiais, espaciais, humanos e temporais. Isto é, o planeamento assume-se como o elo decisivo da ligação das exigências programáticas à situação concreta existente no espaço da ação escolar.

Bento (2003) refere ainda que a atividade complexa de planear deve orientar-se pelas seguintes regras básicas:

- Cientificidade, traduzida pelo respeito das leis e princípios pedagógicos – didáticos;
- Exigências à personalidade do professor, nomeadamente à sua criatividade e fantasia, à sua competência didático–metodológica, à sua consciência social, moral e profissional;
- Fidelidade às exigências programáticas e orientação pelos alunos;
- Conceção lata e não simplista do ensino e da educação;
- Direção dos planos para o essencial;
- Inclusão dos meios e medidas facilitadoras do trabalho e economizadoras do tempo.

O Plano Anual de Turma

O Planeamento Anual da disciplina ou da turma assume diferentes formatos e organizações. Bento (2003) define o ato de planear como uma abordagem pormenorizada e criativa dos Programas

A construção de um PAT é caracterizado por uma perspetiva global do processo de Ensino – Aprendizagem ao longo do ano. Procura concretizar o programa nacional da disciplina no local e nas pessoas. As tarefas de elaboração de um PAT passam por algumas fases. Primeiro os trabalhos preparatórios, onde são realizados os estudos das matérias e a análise do contexto. Depois, a determinação e concretização dos objetivos anuais, para de seguida serem distribuídas e ordenadas as horas e matérias da disciplina pelo ano letivo, e aí serem estabelecidas as tarefas de aprendizagem, finalmente são indicados os momentos e formas de controlo, a avaliação, que serve de verificação da realização e, por último, a marcação dos pontos altos do ano letivo.

Por outras palavras, o autor Quina (2003) refere a sequência de elaboração de um PAT da seguinte forma: 1º análise das matérias e dos blocos pragmáticos, e sua forma de tratamento concentrada ou dispersa; 2º distribuição das unidades de ensino pelos períodos escolar, unidades introdutórias, intermédias e de conclusão; 3º definição dos pontos e momentos altos da disciplina; 4º

inventariação dos recursos necessários; e por último, 5º definição dos momentos e modalidade de avaliação.

Como referiu Quina (2003), a primeira fase do Plano Anual de Turma implica uma análise das modalidades/matérias para o ano em questão, e sua forma de aplicação pode ser entendida de uma forma concentrada, ou de uma forma mais dispersa.

“A forma concentrada consiste na abordagem de todos os conteúdos de um determinado bloco programático numa só unidade de ensino. A forma dispersa consiste no tratamento dos conteúdos de um dado bloco programático em duas, três ou mais unidades de ensino.”
(Quina, 2009)

Outro autor, Barreiros (1992) defende a abordagem dos blocos programáticos em 4 formas distintas de organização, por blocos [AAA BBB CCC], por séries [ABC ABC ABC], aleatórias [BCA CAB CBA] e por aproximação sucessiva ao valor critério. Defende ainda, que dos vários estudos analisados, são as sequencias de matéria por blocos e aleatória, as mais utilizadas.

É a partir deste tema, a forma de tratamento e sequência das matérias e conteúdos programáticos ao longo do ano letivo, que este capítulo se desenvolve. Assim surge a questão. Plano de Trabalho Anual de Turma, que Formato?

Ensino por Blocos VS Ensino por Etapas

O ensino de forma concentrada ou o ensino de forma mais dispersa, tal como define Quina (2009), são trivialmente designados por ensino por Blocos e ensino por Etapas, respetivamente.

A **Periodização da matéria por Blocos** resulta de um ensino massivo, este abrange todos os conteúdos de apenas uma Unidade Didática de forma concentrada, num determinado local e curto espaço de tempo, 4 a 6 semanas. A periodização resulta numa sucessão de blocos de matéria, tal como esquematiza Barreiros (1992) [AAA BBB CCC], regularmente em função do seu valor formativo, do gosto de quem ensina, da aceitação de quem aprende e principalmente dos recursos espaciais e materiais à disposição da turma. Como

resultado, o visionamento do horário das aulas de Educação Física permite informar quanto ao número de turmas que têm a disciplina ao mesmo tempo e o número de espaços e recursos disponíveis. Desta forma, no início do ano letivo, cada professor fica a saber o que vai lecionar em cada momento do ano, pois as matérias são selecionadas em função do espaço onde acontece a aula. Com este formato de ensino todos os alunos são indivíduos idênticos, todos têm os mesmos direitos e como tal, realizam todos as mesmas atividades desportivas.

Segundo os documentos de apoio à disciplina de Didática da Educação Física e Desporto Escolar (2010) a periodização por blocos assume as seguintes vantagens: facilitação do planeamento e intervenção do professor; redução da incerteza do professor; maior previsão dos recursos e materiais a usar; momentaneamente aproxima-se da motivação dos alunos, principalmente daqueles que apreciam a matéria tratada; facilita a aquisição da aprendizagem; para cada aula apenas uma matéria; e todos os alunos têm o mesmo tempo de contato com as matérias.

Como desvantagens: não respeita os princípios de continuidade e regularidade; dificulta a retenção e consolidação da aprendizagem; não respeitas as características individuais dos alunos; momentaneamente afasta-se da motivação dos alunos, tornando-se aborrecido para os alunos que não apreciam a matéria; e a gestão dos recursos escassos torna-se dificultada. No entanto, os Programas Nacionais de Educação Física estão organizados para um ensino e periodização das matérias por Etapas.

A **Periodização da matéria por Etapas** é caracterizada por privilegiar um tipo de ensino diferenciado, onde o princípio de igualdades de oportunidades, com um acesso igual à exercitação das matérias, não é bem visto, pois a igualdade de oportunidades está na superação das dificuldades de cada um.

Segundo Bom, et al. (2001) a periodização das matérias por etapas tem os seguintes princípios:

1. Não é feita por concentração dos conteúdos definidos pelos espaços, mas sim pelas características e prioridades demonstradas na avaliação inicial;
2. Diferenciação das atividades e dos tempos de contato com cada matéria, ou seja, um plano específico para cada turma;
3. Períodos em que é predominante determinada matéria e períodos de revisão e aperfeiçoamento posteriores;
4. A atividade da turma orienta-se para a realização dos objetivos das matérias nucleares, de acordo com a qualidade determinada pelas possibilidades dos alunos;
5. O professor depois de determinar “até onde” cada aluno pode chegar, deve partilhar com o aluno essa meta desejável, implicando e responsabilizando o aluno no processo;
6. Da atividade formativa, deve ser tão global quanto possível e tão analítica quanto necessário;
7. Aptidão física é trabalhada todas as aulas, influenciando a seleção e organização das tarefas, bem como a sua sequência; compensar fragilidades, fazer referência à Zona Saudável de Aptidão Física, respeitando o desenvolvimento de cada capacidade;
8. Diferenciação de matérias, objetivos, tarefas, exigências. A atividade deve ser tão coletiva quanto possível e tão individualizada quanto necessária;
9. Formação de grupos preferencialmente heterogêneos como etapa necessária à formação do aluno e homogêneos quanto necessário;
10. Desenvolvimento dos conhecimentos com sessões teóricas pontuais, no desenvolvimento da atividade física e na interpretação das estruturas e fenómenos extra-escolares desportivos.

Desta forma, este tipo de organização é periodizada por 3 etapas fundamentais. A etapa inicial, a etapa intermédia e a etapa final. Como refere o Programa Nacional de Educação Física do 3º Ciclo,

“Ao especificar/preparar cada uma das etapas, considerando as suas características genéricas, a definição das prioridades e a formação de grupos deve permitir a realização do nível estabelecido

para cada matéria nuclear nesse ano de curso, dedicando-se mais tempo de prática apropriada nas matérias em que o aluno revela mais dificuldades.” (Bom, et al., 2001)

Segundo Quina (2003), numa **Etapa Introdutória** ou inicial, deve fazer-se uma revisão dos conteúdos programáticos considerados como pré-requisitos dos principais conteúdos a trabalhar durante o ano; fazer uma avaliação diagnóstica específica relativamente aos objetivos representativos das unidades a lecionar durante o ano; determinar o nível dos alunos nas diversas matérias para que seja possível determinar os objetivos anuais e a criação de grupos de trabalho; detetar os alunos que necessitam de maior apoio; encontrar e identificar as matérias e capacidades condicionantes problemáticas, aproveitando para as elevar; ensinar, recuperar ou consolidar regras de funcionamento, organização e hábitos de trabalho; motivar os alunos relativamente às matérias a abordar no decurso do ano; e trabalhar a integração social, caso existam alunos novos na turma.

“Para poder assumir as decisões de orientação e organização mais acertadas o professor procurará, no contexto da aula de Educação Física (em que o ensino e aprendizagem, o desafio e a superação são uma constante) e num período relativamente alargado (4 ou 5 semanas), aperceber-se da forma como os alunos aprendem, do modo como se situam em relação ao programa previsto para o ano de escolaridade e das suas possibilidades de desenvolvimento.” (Bom, et al., 2001)

Os mesmos autores referem ainda que,

“Esta etapa assume uma importância particular nos anos iniciais de cada ciclo de escolaridade, face à eventualidade de um grande número de alunos serem oriundos de escolas e de turmas diferentes o que cria a necessidade de construir um clima de relações interpessoais favorável, atenuando a excessiva heterogeneidade da turma, no que se refere ao nível de desempenho dos alunos, decorrente de currículos ou exigências diferenciadas em anos anteriores.”

Quina (2003) define a **Etapa Intermédia**, como fase de desenvolvimento, orientada para a aprendizagem e aperfeiçoamento de conteúdos, daqueles que foram considerados os prioritários na etapa inicial. A estimativa do conteúdo

dos conjuntos de aulas com objetivos comuns e respetiva duração, da definição dos grupos de trabalho e localização dos momentos distintos de recolha de dados para a verificação do alcance dos objetivos finais.

Já a **Etapa Final**, tem como objetivo a revisão e consolidação das matérias, apresentação de níveis mais elevados para os casos “especiais”, assim como a recuperação dos alunos ou matérias problemáticas ou preparação de matérias para abordar no ano seguinte. Como referem Bom, et al. (2001),

“É conveniente que a etapa final do ano, permita a revisão/consolidação das matérias no nível do tratamento atingido pelo conjunto da turma (...) Interessa também oferecer, nesta altura, oportunidades acrescentadas de recuperação aos alunos com dificuldades mais significativas, (...) terá lugar também a última conferência curricular, baseada nos dados recolhidos no processo de avaliação final, considerando-se o nível de cumprimento do programa, e os ajustamentos ou indicações que daí decorrem para o currículo dos alunos no próximo ano lectivo”.

Orientações Metodológicas do Programa Nacional de Educação Física

Como já foi mencionado anteriormente, os Programas de Educação Física direcionam a periodização das matérias por Etapas. Desta forma, o Programa faz referência e dá orientações relativamente ao modo como deve ser organizado o ano letivo.

*“(...) deverá considerar a **organização geral do ano lectivo em etapas**, ou seja, em períodos mais reduzidos de tempo que facilitem a orientação e regulação do processo de ensino - aprendizagem. Estas etapas devem assumir características diferentes, ao longo do ano lectivo, consoante o percurso de aprendizagem dos alunos e as intenções do professor. A organização destas etapas deve considerar o calendário escolar, as características das instalações disponíveis, bem como as condições climatéricas ao longo do na. (...) são parâmetros fundamentais da organização das etapas as opções estratégicas do ensino - aprendizagem no tratamento das várias matérias, o tipo de situações características de determinada fase do percurso de aprendizagem, (...) oportunidade de **revisão das matérias** tratadas no período anterior, bem como de **recuperação do nível de aptidão física**, (..) os momentos fortes da avaliação dos alunos, determinados pelo calendário escolar, pela*

dinâmica do Departamento de Educação Física ou do próprio professor devem ser igualmente contemplados na organização geral do ano lectivo.” (Bom, et al., 2001)

Realidade Encontrada no Estágio

Na Escola onde realizei o meu estágio pedagógico o modelo de planeamento anual das aulas de Educação Física é por **Blocos de Matéria**, unidades de ensino que são lecionadas de forma concentrada e isoladamente uma das outras. Ao contrário do que é indicado pelo PNEF, a dinâmica do Grupo de Educação Física daquela escola, a periodização das matérias selecionadas respeita o esquema de rotação das turmas pelo espaço, a cada 6 a 8 semanas. Desta forma as matérias são escolhidas em função do espaço e dos recursos disponíveis.

Nesta perspetiva a escola possui cinco espaços desportivos, cobertos e descobertos, para cada espaço em específico estão determinadas as matérias a abordar. Segundo o regulamento interno do Grupo Disciplinar os espaços desportivos da escola são definidos da seguinte forma:

Ocupação dos espaços cobertos:

Espaço 1 – Um terço do pavilhão do lado nascente e a sala de Ginástica e destinado às seguintes matérias de ensino: Ginástica, Patinagem, Salto em Altura, Badminton, Golfe, Luta, Judo e Dança.

Espaço 2 – Voleibol, Basquetebol, Ténis, Badminton, Patinagem e Futsal.

Ocupação dos espaços descobertos:

Espaço 3 - Espaço com pista de atletismo e caixa de saltos e destinado às seguintes matérias de ensino: Atletismo.

Espaço 4 – Espaço na zona central do polidesportivo descoberto e destinado às seguintes matérias de ensino: Futebol, Andebol, Bitoque Rugby e Ténis.

Espaço 5 – Espaço polidesportivo coberto e destinado às seguintes matérias de ensino: Futebol, Andebol, Basquetebol e Bitoque Rugby.

Ao iniciar o ano letivo, cada professor elabora o seu PAT, definindo as matérias a lecionar durante o ano letivo e os momentos de avaliação. As primeiras aulas são destinadas às avaliações diagnósticas e as últimas às avaliações sumativas. Cada professor tem que cumprir rigorosamente a rotação das turmas e matérias específicas dos espaços.

Problematização, Questões Relativas ao Tema

A problematização, relativamente ao meu estágio pedagógico, assume-se na forma como as modalidades são tratadas, ou escolhidas, pelo grupo disciplinar de Educação Física na instituição de ensino. Isto é, a periodização das matérias ocorre por Blocos, onde o esquema de rotação das turmas pelos espaços desportivos determina aquilo que é abordado.

Assim, a periodização das atividades desportivas não resultam como seria desejável pelas orientações do PNEF e pelas interpretações que o professor realiza, quer das características dos alunos, quer das avaliações iniciais do ano letivo, mas sim dos recursos espaciais e matérias disponíveis. Baseando numa igualdade de oportunidades no contato com as diferentes modalidades sem a necessária diferenciação do tempo e das situações de aprendizagem, ignorando as aptidões e individualidades de cada aluno.

O PNEF defende um estilo de ensino diferenciado. Pois o respeito pelo princípio da igualdade de oportunidades não deve ser entendido como uma combinação da aprendizagem em função do acesso igual à exercitação das matérias, mas sim da combinação em função das necessidades individuais, na igualdade de oportunidades na superação das dificuldades individuais dos alunos.

Então é inevitável a pergunta. Mas afinal, o que leva as escolas a praticarem um ensino por blocos?

As escolas, em especial os Grupos de Educação Física, optam por este formato não porque o valorizam, mas sim porque a escolha é feita em função dos recursos existentes nas escolas. Em escolas particularmente grandes, em que o número de aluno é bastante elevado e os espaços relativamente poucos, esta é a única forma de organização dos espaços. No caso da escola onde

efetuei o meu estágio os 5 espaços disponíveis estão sempre em utilização. O número de matérias abordadas depende do número de vezes que a turma realiza uma rotação.

Desta forma surgem várias perguntas no Tema/Problema:

De que forma o professor deve planear, numa escola em que as dinâmicas de trabalho e distribuição das matérias são por Blocos? Será considerado um bom professor, aquele que praticar o ensino por blocos? Como é que um professor pode planear, tendo em conta a igualdade de oportunidade na superação e desenvolvimento das necessidades e capacidades de cada aluno se as UD e as aulas têm a mesma estrutura de base e esquema? Haverá qualidade no ensino? Haverá aprendizagens efetivas e duradouras? A apropriação sólida e duradoura de conhecimento e competências depende da forma concentrada ou dispersa como são tratadas as matérias? Como é que se pode realizar o PAT, sem saber à priori qual é a situação de desenvolvimento dos alunos nas diferentes matérias? Será o tempo disponível para o tratamento de cada matéria o suficiente para uma consolidação efetiva das aprendizagens? E será que a abordagem das aulas assume as funções didáticas de introdução, exercitação e consolidação? As matérias abordadas têm algum poder significativo para os alunos da turma?

Estas foram algumas das perguntas que me deparei na concepção do planeamento das aulas de Educação Física.

Na minha perspetiva, apesar da conceção das matérias por blocos não ser a indicada nos programas da disciplina, é possível praticar um ensino diferenciado e de qualidade através da periodização das matérias por blocos.

Ao iniciar o ano letivo sabe-se à partida quais são os espaços desportivos disponíveis, sabe-se também que em diferentes espaços é possível lecionar diferentes matérias. O que não é possível saber, principalmente se o professor não conhecer a turma, são as características desta, suas necessidades, dificuldades e matérias prioritárias.

Desta forma, um professor ao realizar o planeamento anual pode e deve, na minha opinião, programar as suas aulas nos espaços previamente definidos

com diferenciação das atividades e dos tempos de contato com cada matéria, tornando o ensino o mais global possível, ainda que no mesmo espaço. Ou seja, em vez de se desenvolver e atribuir apenas uma matéria por espaço, desenvolver no mesmo local várias matérias e, se possível, torna-las a repetir em outros espaços de forma a tornar as aprendizagens efetivas e duradouras.

Até aqui tudo bem, mas o dilema assume-se na escolha das matérias a abordar pois, se no planeamento não existe uma etapa inicial, onde permita à turma realizar uma avaliação inicial das diferentes matérias, como são determinadas as matérias e identificadas as dificuldades? Aí diria que a ação formativa do processo teria um papel fundamental e imprescindível.

Respondendo às perguntas anteriormente descritas. Sim, é possível planejar de forma dispersa num local onde as matérias são desenvolvidas de forma concentrada, promovendo, com a diferenciação do ensino, o desenvolvimento das necessidades de cada aluno. Haverá qualidade de ensino, e o professor poderá segundo as definições, ser considerado um bom professor. A apropriação sólida e duradoura é possível se se repetir as matérias, e se se respeitarem as funções didáticas de introdução, exercitação e consolidação.

A qualidade do ensino e das aprendizagens está em cada um dos professores, na sua responsabilização para com o ensino dos seus alunos, nos seus valores e ética profissional.

Conclusão

Concluída a descrição dos cinco capítulos do relatório de estágio, expectativas iniciais; contextualização da prática pedagógica, descrição do processo de Ensino–Aprendizagem, análise reflexiva e apresentação do tema/problema, resta-me dizer que o meu estágio pedagógico foi uma experiência bastante enriquecedora.

As diferentes situações vividas e experienciadas no estágio conduziram-me ao entendimento do que é ser um agente de ensino e ao que é fazer parte dele. Fizeram-me refletir sobre a minha intervenção no estágio e sobre aquilo que aprendi na minha formação anterior ao estágio. Todo o envolvimento e dinâmicas criadas permitiram-me aprender e evoluir, tanto ao nível pessoal como profissional.

No entanto, permanece a consciência que muito ainda está para vir e aprender, pois a minha formação será permanente ao longo da minha vida como docente de Educação Física. Como tal, considero fundamental o investimento em formação contínua, um processo formativo que jamais estará concluído. Tal como afirma Alarcão e Tavares (1987),

“ (...) a aprendizagem da profissão docente não tem princípio com a frequência de um curso de formação inicial, nem termina com a obtenção de um grau académico; é algo que o Professor realiza durante toda a sua vida”.

Bibliografia

Referências Bibliográficas

- Alarcão, I.; Tavares, J. (1987). *Supervisão da Prática Pedagógica – Uma perspectiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Livraria Almedina, Coimbra.
- Allal, L. (1989). *Estratégias de avaliação formativa: conexões psicopedagógicas e modalidades de aplicação*.
- Baptista, P., Graça, A., Mesquita, I., Pereira, F. (2009). Análise da Instrução de estagiários em Educação Física no período final de estágio pedagógico. I Congresso Internacional de Intervenção Pedagógica e Profissional. ISMAI. Edição em formato digital.
- Barreiros, J. M. (1992). *Aprendizagem Motora. Variabilidade das Condições de Prática e Interferência Contextual*. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.
- Bento, J. O. (2003). Planeamento e Preparação da Unidade Temática ou Didática. In J. O. Bento, *Planeamento e Avaliação em Educação Física* (p. 75;100). Lisboa: Horizonte.
- Bom, L., Costa, F. C., Jacinto, J., Cruz, S., Pedreira, M., Rocha, L., et al. (2001). *Ensino Básico, 3º Ciclo. Programa de Educação Física (reajustamento)*.
- Buendia, R. V., & Álvarez, J. L. (2004). *Evaluacion en educación y evaluación del aprendizaje en educación física*. Barcelona: Graó.

- Carvalho, A. d., Amorim, J. G., Cardoso, L., Silva, R. d., & Silva, S. d. (2011). El acto de planificar y la importancia de la planificación en la organización del profesional de la Educación Física. *efdesportes* .
- Carvalho, L. M. (1994). *Avaliação das Aprendizagens em Educação Física*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Educação Física.
- Cunha, A. C. (2008). *Ser Professor - Basas de uma Sistematização Teórica*. Braga: Casa do Professor.
- Dias, L., & Rosado, A. (2003). A avaliação formativa em educação física. In P. Sarmento, *Pedagogia do Desporto. Estudo 7* (pp. 73-99). Lisboa: Edições FMH.
- Lopes, V. (2000). *Aptidões e habilidades motoras: uma visão desenvolvimentalista*. Livros Horizonte.
- Martins, G. (2009). *Perfil Instrucional do Estudante Estagiário de Educação Física em Atletismo*. Porto: Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Mosston, M., & Ashworth, S. (Maio-Junho de 1985). Estilos de Ensino. *Horizonte* , 23-32.
- Pierón, M. (1996). *Formação de Professores. Aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica*. Lisboa: Edições FMH.
- Pinto, J. (2004). *A Avaliação em Educação: da linearidade dos usos à complexidade das práticas*. Setúbal: Escola Superior de Educação de Setúbal.

- Quina, J. d. (2009). *A Organização do Processo de Ensino em Educação Física*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.
- Ribeiro. (1999). Tipos de Avaliação. In *Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa: Porto Editora.
- Rodrigues, M. (2000). O Treino da Força nas condições da aula de Educação Física. Porto: UP.
- Rosado, A., Colaço, C., & Romero, F. (2002). Critérios Gerais de Concepção de Sistemas e Instrumentos de Avaliação: Aplicado à Educação Física e às Ciências do Desporto. In *Avaliação das Aprendizagens: fundamentos e aplicação no domínio das actividades físicas* (pp. 99-150). Lisboa: Omniserviços.
- Shigunov, V., & Pereira, V. R. (1993). Pedagogia da Educação Física - O desporto coletivo na escola. Os componentes Afetivos. In *Componentes de instrução no ensino geral e da educação física* (pp. 60-79). São Paulo: Ibrasa.

Referências Documentais

- Documentos Normativos do Grupo de Educação Física da Escola Secundária com 3º CEB Quinta das Flores. (2011/2012).
- Documentos de apoio à unidade curricular de Didática de Educação Física e Desporto Escolar (2010/2011).
- Guia das Unidades Curriculares Estágio Pedagógico dos 3º e 4º Semestres (2011/2012)